A CENA MUDA

ELIZABETH TAYLOR ENTRE AS 10 MAIS BELAS DO CINEMA — EM PÁGINAS COLORIDAS!

Nº 7 ★ 17/2/54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

Bel-Air

UM PRODUTO FLEXSO



PARA CRIANÇAS
20/27
CR$ 50,00



LUVAS PARA OS PÉS

CREAÇÃO DE MISTER JAMES



PARA
SENHORAS
33/39
CR$ 98,00

Côres Lindissimas!
CANARIO - VERDE
VERMELHO - BRANCO
ETC. ETC.



É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

-AT. SEMÕG/.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil.
Porte por par, 5 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.

A

CENA

MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA
AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

Desenhista
Gil Ribeiro

CENA nº 7, em 17/2/1954

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Multiplicação do ator 4/ 5
As armas psicológicas de Micheline Presle 6/ 7
Pedro Gouveia Filho fala sôbre o Festival de São Paulo 8/ 9
O passado e o presente de duas «estrêlas» 30
Paixão tempestuosa 10/11
Quadro de Honra do mês .. 25
A cigarra e a formiga 12/13

SESSÕES PERMANENTES

Curiosidades e «close-ups». 16/17
A novela das imagens .. . 20/21
De todo o Mundo 24/25
«Ballet»: Em Pôrto Alegre
Cartazes em revista 28/29
Teatro-Música 31
Rádio-Discos-Novidades 32
Página do leitor 33

A NOSSA CAPA

ELIZABETH TAYLOR
(M. G. M.)

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:

A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatural anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00



PRÉ-ESTRÊIA

4 - UMBERTO "D"

A SER LANÇADO NAS "JORNADAS" DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO

Assistido no Uruguai

A história é simples. Possui inegáveis elementos humanos e propõe-se a efetuar crítica social. Entretanto, não chega a contar quase nada. Sente-se que houve a preocupação em não concluir. Por vêzes, a idéia tem fornecido excelentes resultados. Basta recordar, um outro e grande filme do mesmo diretor: «Ladrões de bicicletas». Ali, havia lugar para o laconismo do desfecho já que tudo se baseava em péqueno e amargo incidente. No presente caso, sugestinadc pelo êxito anterior, Vittorio de Sicca fêz questão de impor o próprio estilo. Com todo o eloqüente senso da classe de sua direção, muitas coisas são mais «De Sicca» que espontâneas.

Curtíssimo é o fio da trama. E' a história de um professor aposentado, lutando com dificuldades. Não há dúvida de que reflete, em muitos de seus asoectos, um universal dilema. Trata-se de uma classe muito sacrificada e que está longe de perceber de acôrdo com o exaustivo esfôrço do ensino. Contudo, a história se fixa por demais em lamúrias. A adaptação estendeu demasiadamente os sofrimentos do professor para, afinal, deixar tudo no mesmo. Muito fácil seria sugerir um pouco de fé em lugar de expor uma tentativa do pior recurso possível: o suicídio. Qual a necessidade de entrever um caso social-psicológico se não há nada construtivo, se não fica o resíduo de um breve ensinamento?

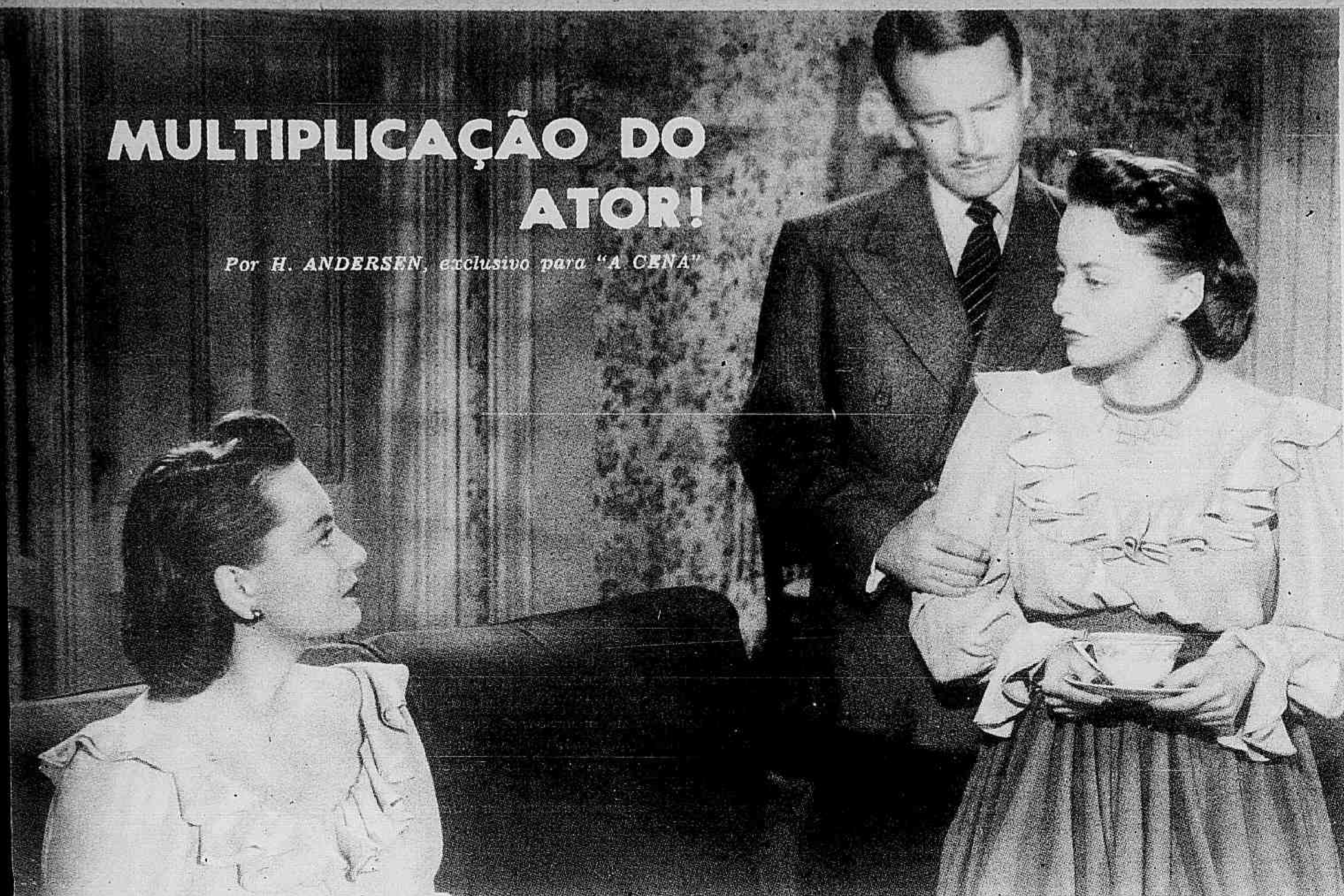
Com tudo isso, a forma é muito bem orientada. Não desfavorece a carreira de um magnífico cineasta mas tampouco o eleva. Há momentos de beleza mas, com as restrições apontadas acima, há um motivo que, por repisado, alonga e traz redundâncias em certos momentos. Isto não impede que, com a sua reconhecida competência, De Sicca ainda logre uma elogiável continuidade ao desenrolar. Na forma do costume, há minúcias, surprêsas e naturalidade na sua conduta. E também os tipos escolhidos, quer no protagonista, nos coadjuvantes ou nos extras, há a marca do estudo ou da observação.

Em conjunto, é esplêndido o trabalho de Carlo Battisti no professor desamparado. Entretanto, em alguns trechos há minúcias que, embora discretamente, recordam o iniciante em tão difícil arte. Pràticamente, há apenas margem para êste ator. Todavia, agradaram bem Maria Pia Cacilio e Linna Gennari em seus papéis. Os outros são apenas ligeiros coadjuvantes mas todos perfeitamente orientados por De Sicca. Cesare Zavattini, sem a mesma inspiração de «Ladri di biciclette» escreveu a adaptação. A música de Alessandro Cicognini, nãc desmereceu a sua magnífica harmonia com as imagens. Fotografia de classe, de G. R. Aldo, outro habitual colaborador de Vittório. Título original: «Umberto D», Itália.

JONALD

MULTIPLICAÇÃO DO ATOR!

Por H. ANDERSEN, exclusivo para "A CENA"



Olivia de Havilland nas duas gêmeas de «Espelhos d'alma», um dos eloqüentes exemplos da duplicação do ator.



Chaplin foi um dos primeiros a utilizar o recurso através do uso de espelhos, na célebre seqüência de «O circo».

Sem dúvida alguma o cinema é uma arte dos milagres! Tudo é possivel desde que se possua uma câmara cinematográfica e alguma imaginação!

Os "cinéfilos" já estiveram até mesmo em outros planêtas ou foram transportados para o reino das fadas e da fantasia como se fôsse repentinamente concretizada uma idéia, uma história que ouvíramos ou uma aventura que lêramos. Tudo isso deu-se graças aos recursos oferecidos pelas trucagens, a capacidade de ilusão que fornece a sétima arte não só nos tempos modernos, pois o truque no cinema nasceu com o próprio cinema.

Um dos mais conhecidos truques é o do ator que se duplica, podendo fazer no mesmo filme dois papéis e até mesmo aparecer duas vêzes na mesma imagem. Mèliès foi o primeiro a multiplicar o ator, fazendo êle mesmo uma orquestra inteira! Em "O circo" de Chaplin, numa excelente cena, graças a especial jôgo de espelhos Carlitos vê-se milagrosamente decuplicado, arrancado da platéia estrondosas gargalhadas! O conhecido ator do cinema americano, Edward G. Robinson, que estêve em moda durante muito tempo, por mais de uma década, fazendo freqüentemente o "gangster" finório ou o criminoso inteligente interpretou posteriormente

personagens de um vigor extraordinário ("Mistérios da vida", "Seis Destinos" "Um retrato de Mulher", "Almas perversas", "Sangue de meu sangue"). No ano de 1933, o famoso John Ford dos grandes filmes de "western", realizou uma película que contava como ator principal E. G. Robinson, onde tinha a oportunidade de fazer dois papéis: um criminoso, possuidor de destacado lugar na crônica policial, era procurado por assassínio, e chamava-se "gangsterianamente" Mannion. O segundo papel no filme vivido por Robinson, era justamente o oposto de Mannion, e muito de acôrdo com o seu caráter chamava-se Jones, e era um modesto empregado de escritório, honesto e pacato. Há um engano da polícia e Jones é prêso no lugar de Mannion.

Outro ator de grande versatilidade e sensibilidade dramática, recentemente falecido — Louis Jouvet —, também apareceu na tela interpretando na mesma película dois papéis, aliás bem diversos. Era ao mesmo tempo Monsieur Dupont e um conhecido "gangster" em "Copie Conforme" de Dréville. Monsieur Dupont, pacato vendedor dos botões "Béton", acaba na pela do temível "gangster", e Jouvet tem oportunidade nesta película de oferecer um verdadeiro festival de interpretação.

Outro nome ligado a cinematogra-



Danny Kaye, com sua prodigiosa versatilidade, já é um duplicador, sem necessidade de «trucs». Entretanto, em «Um rapaz do outro mundo» também viveu os clássicos gêmeos, idênticos apenas no físico.

Uma duplicação sem necessidade de semelhança física. Maggie McNamara e Joan Waltz, intérpretes das versões americana e alemã do filme da United: «Ingênua até certo ponto».



fia, universalmente conhecido é Charles Chaplin, também em "O Grande Ditador" interpretando dois papéis ao mesmo tempo, utilizando a grande semelhança entre o conhecido Vagabundo dos seus filmes e Adolf Hitler.

Dorothy Dalton aparece no excelente "Dark Miror", numa impressionante interpretação de duas irmãs gêmeas. Mais tarde sôbre cenário de Pozner aparece nova versão, desta feita com a competente atriz Olivia de Havilland. Robert Siodmak dirigiu o filme que conta a história de duas irmãs, sendo uma dissimulada e fria que chega quase ao fraticídio.

"Dark Miror", construído sôbre interessante história, constituía um espetáculo por assim dizer inédito. Por meio de sonhos Dorothy Dalton toma conhecimento da existência da sua irmã, que fazendo parte de uma "gang", acaba sendo assassinada tràgicamente.

Entre os cantores que têm aparecido na tela conta-se uma dezena de filmes que se desdobram em dois personagens. Assim apareceu Maurice Chevalier em "Folies Bergère", fazendo ao mesmo tempo o papel de um homem de negócios e um cantor célebre e no "L'Homme de jour" onde é ao mesmo tempo cantor e operário. Também o conhecido Tino Rossi é o cantor sedutor e o infeliz no amor em "Dois Amôres".

O irrequieto Danny Kaye, ao qual devemos alguns momentos bem alegres no cinema, interpreta em "Um rapaz do Outro Mundo" dois papéis diferentes, dois irmãos gêmeos. Repe-

(Cont. na pág. 34)

AS ARMAS PSICOLÓGICAS DE MICHELINE PRESLE

De H. A., especial para «A CENA»

Existe mesmo a rua «Diablue au Corps», o título do grande e famoso filme «Adúltera» e Micheline efetua, assim, uma pilhéria...

De Micheline Presle, que há dez anos afirma sem cessar os dons mais pessoais escreveu Roger Régent no seu excelente *Cinéma de France* (1940-1944) que era uma das raras revelações dêstes quatro anos no mundo dos atores. Esta jovem e bela comediante, de uma elegância secreta e castiça, trouxe para o domínio da interpretação um estilo muito particular. Marcel Lherbier foi um dos primeiros que reparou nisso: sentiu que Micheline Presle era capaz de incarnar personagens singulares, desconcertantes, um pouco desencarnados, e ofereceu-lhe um papel de criatura sem graça em *La Comédie du Bonheur* e de filha de um prestidigitador na *Nuit Fantastique*. Ao mundo onírico de Lherbier e à acidez por vêzes cruel da sua escrita cinematográfica ia bem a representação da atriz. Sentia por trás da sua cara sedutora e assaz misteriosa uma inteligência aguda, a possessão do papel pelo interior.

Esta qualidade de interpretação valeu-lhe a atenção de realizadores como Claude Autant Lara (Le Diable au corps) e Marc Allégret (Félicie Nanteuil). De 1942 a 1947 Micheline Presle filma constantemente, contribuindo para certas obras semi-malogradas, como *Les Jeux sont faits*, *Paradis Perdu* ou *Un seul amour*, a cintilação sóbria e segura de uma presença autêntica.

Mas não basta louvar a eficiência de uma fisionomia e de um estilo de comediante dotados de uma admirável maturidade estética. A segunda surprêsa que revela a heroína de "Félicité Nauteuil" e de *Falbalas* é a sua maravilhosa capacidade de metamorfose. Sem dúvida tivemos com Madeleine Robinson, e recentemente com Danièle Delorme, a revelação do que podia ser um "proteismo" feminino no écran. Em Micheline Presle, as distâncias são menos marcadas: guarda sempre certo fundo psicológico e expressivo, mas o seu talento é tão maleável e sutil que consegue desadaptar-nos constantemente em relação a ela própria. Quem viu *Un seul Amour* tem a tentação de a identificar com a dançarina Clara Biondi, de a situar definitivamente numa mitologia balzaquiana. No outro polo,



Micheline Presle e as suas armas psicológicas...

os espectadores de *Falbalas* puderam ver nela o tipo de certa rapariga dos anos 1940 a 1944, cuja liberdade de costumes escondia uma sensibilidade e seriedade perfeitamente próprias a seduzir o seu sedutor (Raymond Rouleau).

E logo se desenha nas memórias fiéis tôda a gama psicológica e social das heroínas às quais a artista deu vida e alma: a pequena atriz esboçada por Anatole France, na sua *Histoire Comique*, e que será depois Félicie Nanteuil. Saltamos uns quinze anos e é a época da primeira guerra mundial e a heroína de Raymond Radiguet, a mole e terna Marthe, cheia de simplicidade passiva e de uma submissão um pouco animal das jovens de uma certa sociedade burguêsa da época. Fascinante contraste: encontramos num tempo e num lugar indeterminados — e isto tanto em *Les Jeux sont faits* como na *Nuit Fantastique* — u'a mulher jovem, lúcida, decidida, intrépida mesmo que atira sem hesitações para aventuras temerárias.

A transição? Tivemo-la no decurso de um mesmo filme, o *Paradis Perdu*, de Abel Gance, que nos mostra Micheline Presle nos traços da companheira de Fernand Gravey, soldado da guerra de 1914, e nos de sua filha, no decorrer dos anos 1930 a 1935. Esta passagem não foi para a atriz uma simples performance estribada nos artifícios da cabeleireira e do costureiro — ela separou realmente a atmosfera, a feminilidade das duas épocas.

E agora temos Micheline Presle, depois de alguns anos de Hollywood de regresso a Paris para retornar a um passado mais longinquo do que nunca: depois de Greta Garbo, Edwige Feuillière e Yvone Printemps, é a imperecível Marguerite Gautier que incarna a *Dama das Camélias*. Esta ascensão no tempo consagra igualmente uma transformação psicológica do seu mito: já não é uma personagem de composição que a traça aqui a atriz, consciente é seu hábito, mas uma mulher no sentido mais ingênuo e mais humano do têrmo.

Até aqui ela tinha sido diversas incarnações do Eterno Feminino: Eis Eva inteira e debaixo da sua forma mais direta. *(Continua na pág. 34)*



Em um lindo trecho de «Les Jeux sont faits»

Em uma cena do excepcional «Adúltera», com Gerard Phillipe.





PEDRO GOUVEIA FALA SÔBRE O FESTIVAL INTERNACIONAL EM SÃO PAULO

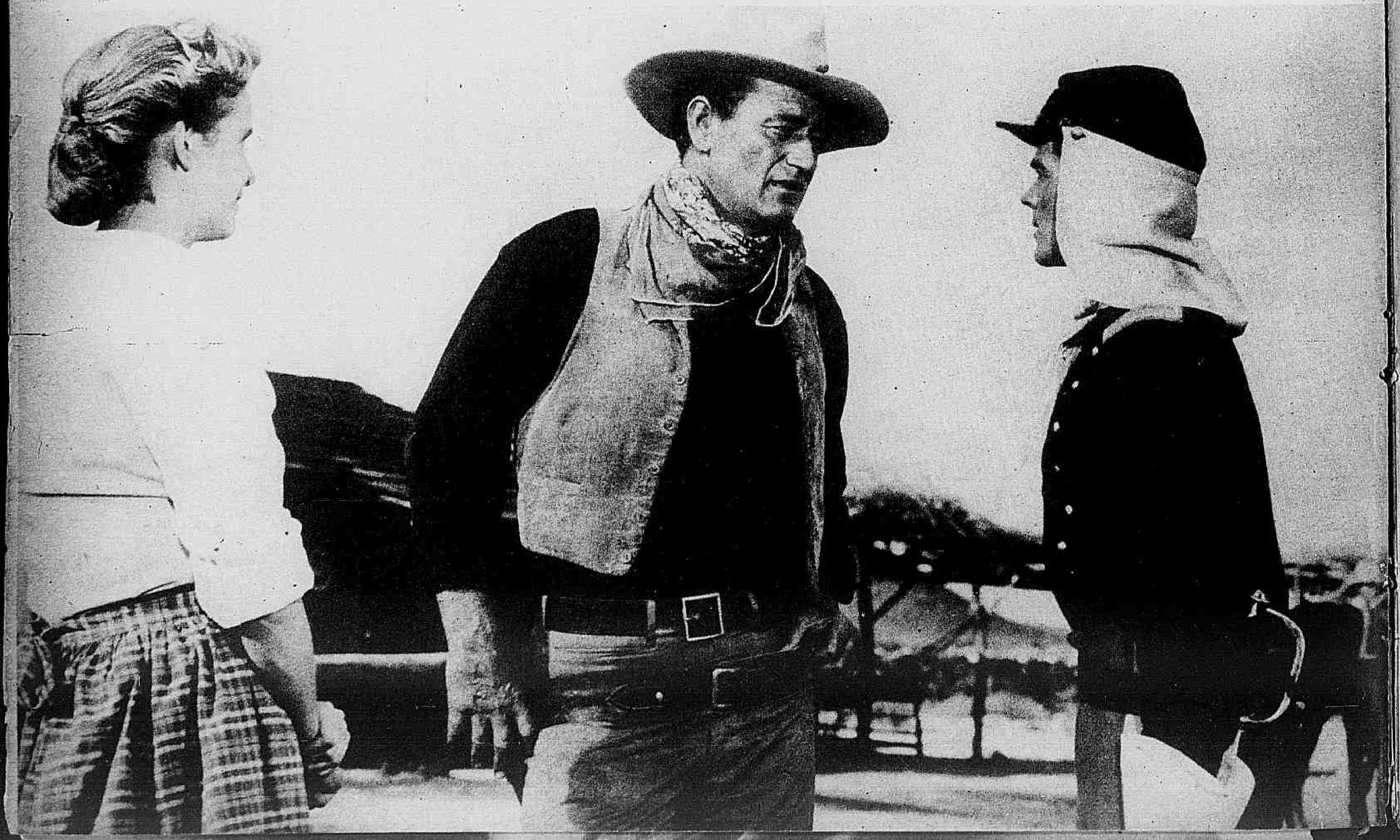
DR. Pedro Gouveia, diretor do Instituto Nacional do Cinema Educativo concedeu-nos entrevista a respeito do próximo Festival Internacional de São Paulo. Sendo das pessoas que mais trabalharam em prol dêste certame é portanto dos mais autorizados a falar sôbre o mesmo. Para tratar das adesões estêve em 1951 na Europa e, durante o Festival de Veneza, teve oportunidade de entrar em contato com as delegações dos diversos países a fim de convidá-las para virem ao Brasil êste ano. É membro do Conselho Consultivo e um dos organizadores; sua contribuição refletiu-se principalmente na organização dos programas de filmes científicos e educativos.

— «Não se deve considerar o Festival que se realizará em São Paulo unilateralmente. Evidentemente, a maior atração serão os filmes de longa metragem e as delegações estrangeiras, com «estrêlas», diretores e jornalistas. Teremos oportunidade de ver filmes como «Les Belles de Nuit», de René Clair; «Salaire de la Peur», de H. G. Clouzot; «Gleen Miller history» e tantas outras películas. Os filmes serão exibidos no Cinema Marrocos, com capacidade de 2.000 lugares, mil dos quais serão reservados ao público. Além disso o cinema Paramount fará sessões nas quais serão reprisados os filmes exibidos em «première». Os preços destas sessões serão acessíveis a todos. Uma festa no Pacaembu permitirá o contato entre o povo paulista e os atores e atrizes que comparecerão ao Festival. Não haverá, entretanto, sòmente exibição de filmes comerciais de longa metragem. Paralelamente, os cientistas e estudiosos terão oportunidade de assistir às mais modernas contribuições dos pesquisadores europeus e americanos através de uma série de filmes educativos e científicos que serão exibidos. Jean Painlevé, o grande realizador francês, estará em São Paulo, representando a Associação Mundial do Cinema Científico e fará palestras sôbre sua especialidade. O INCE organizou 4 sessões nas quais estarão representados todos os países filiados à Associação. As melhores produções no gênero, dos últimos cinco anos, serão apresentadas. O Brasil far-se-á representar com filmes do INCE, da Universidade de São Paulo e provàvelmente do Ministério da Agricultura.»

«O maior resíduo do Festival que agora se realiza em São Paulo é, sem dúvida nenhuma, o grande contigente de filmes que enriquecerão sobremodo o patrimônio da Filmoteca do Museu de Arte. Isto permitirá a sobrevivência de Cine Clubes e estimulará a formação dos mesmos; o número de películas adquiridas é tal que situa esta filmoteca entre as primeiras do mundo.»

Vera Clouzot, a brasileira que é a espôsa do diretor francês Georges Clouzot, surgirá na tela em «O salário do mêdo».

«Rondo» o filme em «3 D» da Warner, com John Wayne, um dos oficialmente programados.





AGUARDEM, A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO, GRANDES REPORTAGENS COM OS "ASTROS"

Cena de outro dos filmes oficiais do Festival, a produção da Universal: «Glen Miller Story».

Jane Powel, que comparecerá pessoalmente.

AS ÚLTIMAS NOVAS DO FESTIVAL

OS ESTADOS UNIDOS NAS «JORNADAS»

OS Estados Unidos acabam de inscrever, para as suas «Jornadas», os seguintes filmes: «Os homens preferem as louras», da Fox direção de Howard Hawks, com Jane Russell e Marilyn Monroe; «Escravos da Babilônia», de William Castle, com Richard Conte, produção da Columbia; «Gloriosa consagração» (So this is love), de Gordon Douglas, com Kathryn Grayson, produção da Warner; «Os brutos também amam», de George Stevens, com Alan Ladd, da Paramount; «Aventureiro do Mississipi», de Rudolf Maté, com Tyrone Power, da Universal; e «Última Chance», de Rudolf Maté, com Robert Mitchum, da RKO.

Além dêsses filmes, teremos 7 curtas metragens e desenhos animados.

JORNADAS ITALIANAS

A Itália inscreveu, em suas «Jornadas», os seguintes filmes: «Puccini», «Napolitani a Milano», de Eduardo de Filippo; «I Vitelloni», de Federico Fellini, e uma antologia do cinema neo-realista, organizada por Sergio Amideu. Tem-se como certo que serão também organizadas jornadas franco-italianas, durante as quais serão apresentados filmes produzidos pelo sistema de co-produção.

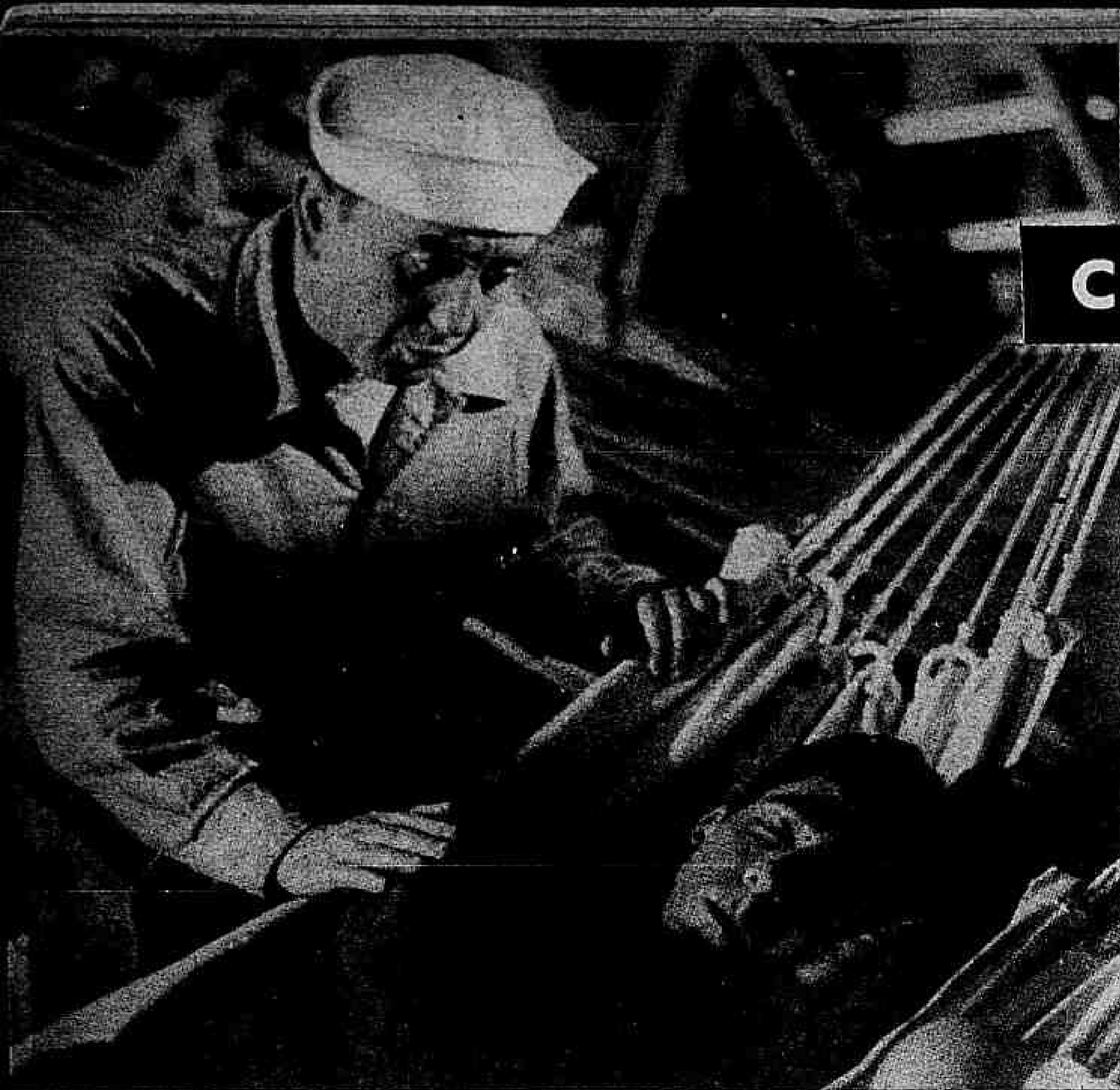
FRANÇOISE ARNOUL DESEJA ÊXITO AO FESTIVAL

Françoise Arnoul, a cativante «estrêla» do cinema francês, acaba de telegrafar à Comissão Executiva do Festival de Cinema, augurando o maior êxito possível à brilhante manifestação cinematográfica. O telegrama de Françoise Arnoul é o seguinte: «Sensibilizada vossa insistência, lamento não poder assistir Festival virtude compromissos inadiáveis stop Meus votos vos acompanham amigàvelmente Françoise Arnoul».

BARBARA RUETTING NA DELEGAÇÃO ALEMÃ

Barbara Ruetting, prêmio para a melhor atriz da nova geração no III Festival Internacional de Cinema de Berlim, 1953, será a representante dos artistas alemães no Festival Internacional do Brasil. Sua brilhante carreira começou no ano passado, quando seu trabalho em «Pombinho posta-restante», credenciou-a como uma das maiores intérpretes alemães. Ainda no ano passado Franz Cap, um dos grandes produtores alemães, confiou-lhe o principal papel feminino em «A pista conduz a Berlim». Seu terceiro filme, ainda em 1953, foi «Christina».





Ankito e Paulo Stuart, dupla cômica do filme de Eurides Ramos.

CINEMA BRASILEIRO

De SANIN, exclusivo para «A CENA»

um nome para o "galã"



Antônio Rios, estreará em «Coração sem rumo».

Ninguém desconhece o problema que é dar-se um nome à alguém. Quando se trata de uma criança em geral atribui-se à ela o de um avô, de um herói que os pais admiram ou qualquer um que sôe bem. Freqüentes são os casos de pessoas que não satisfeitas com o que possuem pedem que se lhes chame pelos apelidos familiares, isto quando não levam o caso mais longe — às petições formais de juízo.

Os escritores e atores adotam pseudônimos; há alguns inclusive que não se conformando com um apenas tem listas que correspondem a cada faceta de sua personalidade. Os atores de cinema via de regra, adotam nomes supostos obedecendo à determinados princípios; o node deve ser sonoro e fàcilmente memorizável; deve ser original e segundo muitos, nunca passar de cinco sílabas. Êstes problemas todos foram enfrentados durante um dos ensaios que a São Jorge Filmes está realizando. Os atores reunidos, entre as «deixas» de uma seqüência e outra propuseram-se batizar o novo galã da Companhia — Antônio Oliveira. Todos concordaram que era preciso mudar o nome do rapaz, êle inclusive. Choveram então as sugestões. Thais Bellini defendia seu ponto de vista:

— Antônio Moura é o mais adequado.

— Não, dizia Elvira Pagã, Antônio Rios ou Jorge Antônio Cahuê filho que dirigia os diálogos não se furtou à uma sugestão. Finalmente, não se sabe de quem ouviu-se o «Antônio Barros».

— Houve um momento de exitação. Todos olharam inquiridores para o «galã»; êle sem Santos Óleos e sem preces disse apenas:

— Concordo com êsse.

Santos Mendes disse «Amen» e os ensaios prosseguiram...

Louroinette, do «cast» da nova produtora: a São Jorge Filmes.



7 DIAS EM REVISTA

Precedido pelo falatório que criou expectativa, chega o Honório Boa Morte metralhando as gentes para desespêro de Jorge Ileli e Paulo Vanderlei. E' o «Carnaval em Caxias», com José Lewgoy, Dóris Monteiro, Ariston, Consuelo Leandro, trazendo estandarte e puxando o bloco. Brevemente também será lançado «Chamas no Cafèzal», película dirigida por José Carlos Burle e que apresenta a peculiaridade de serem os principais intérpretes estrangeiros radicados no Brasil. As vozes foram dubladas. Eurides Ramos no convés dos Navios Escolas «Almirante Saldanha» e «Guanabara» dirige o cômico Ankito numa história departamento de estado. A película chama-se «Marujo das Arábias» (título provisório). Em São Paulo, a Multifilmes que toma nova orientação, vai filmar histórias de Luís Flávio de Faro, que já tem um argumento em Hollywood. Dêle veremos pròximamente «O Caçador de Esmeraldas», inspirada na vida de Fernão Dias Pais Leme e «Para além da Fronteira da Vida». Isto pelo menos foi o que circulou nesta tão bem falante Rio de Janeiro. A Vera Cruz, cujo pessoal está com dois meses de salários atrasados aflige-se com sua situação. Será que ninguém vai mesmo tomar uma providência? O regime do «deixar como está para ver como fica» ainda não caiu em desuso nesta época de iniciativas. O absurdo aí está de braço dado com os poderes públicos. Dóris Monteiro em seu programa de rádio encanta os ouvintes enquanto que Elvira Pagã, a que foi «Rainha da Mata», numa época em que as majestades davam «sopa», escreveu que vai ser a principal intérprete de «Guaraciaba», filme que será realizado pela São Jorge Filmes. Esta película será parcialmente rodada em ambiente selvático, onde se desenrolam algumas seqüências da mesma. No Cais do Pôrto Mário Latini realiza a parte do documentário de seu filme «Contrabando»; procura a recém-constituída diretoria da Cine-Sol de Nova Iguaçu para o estabelecimento de um regime de co-produção. Esta nova produtora aliás, reunida em assembléia elege seu presidente: Nilzo Lacerda Barbosa e seus diretores: Georg Godberg, Nunam de Lacerda Barbosa, Laudelino Barros, Espedito Cerqueira Branco, Francisco Manoel Brandão e Gil Ribeiro. Convidam Anélio Latini Filho e Alberto Shatowski para orientarem-na tècnicamente e elaboram um memorial a fim de ser enviado ao govêrno do Estado do Rio para obterem facilidade que permitam seu rápido desenvolvimento. Para São Paulo, em caravana, segue Carlos Manga e sua gente, para assistir ao lançamento, num circuito de 20 cinemas de «Nem Sansão, nem Dalila». Os paulistas vão ver de perto Oscarito, Eliana, Fada Santoro e Cyl Farney.

PAIXÃO TEMPESTUOSA

Filme sentimental «Paixão Tempestuosa» estuda o problema do divórcio, o mais palpitante assunto da atualidade brasileira. O argumento e a direção de Antônio Tibiriçá, um dos pioneiros da cinematografia no Brasil; produção da Íris Filme, marca conhecida desde 1926, quando lançou seu primeiro filme «Vício e Beleza». No elenco de «Paixão Tempestuosa», atuam o galã Jardel Filho, considerado pela crítica o melhor ator do ano; Vida Alves «estrêla» da TV Tupi-Difusora; Ana Luz, «estrêla» do cinema argentino, no papel da espôsa dedicada; Antônio Sorrentino, o veterano ator do nosso cinema e teatro, um milionário apaixonado. Completa o elenco, Ângela Fernandes, Marços Granado, Tânia Castilho, Renato Ferreira, Nísia Vally e Inês Duran. Em números especiais, os bailarinos Tito Jofre, Ofélia, suas «girls», 4 ases do bailado, alunos do professor Cid Pais de Barros, Marino Neto, locutor da Rádio São Paulo, Çilo Costa e Ítalo Hugo. Fotografia e iluminação a cargo de George Tamarski, o som de Konstantin Sivatschenko. «Paião Tempestuosa» já está programada para breve nos principais cinemas do Circuito Serrador, devendo logo a seguir ser lançada também no Rio.



Milita Del Pilar, que terá um papel de grande responsabilidade em «Coração sem rumo».



Jardel Filho e Ana Luz em «Paxão Tempestuosa».



Duas «cigarras» (Frank Sinatra e Bing Crosby) que não precisam o auxílio das formigas.

a cigarra e a formiga

De L. BOLTSHALSER, exclusivo para «A CENA»

«A cigarra cantou durante todo o verão, estando desprevenida quando o inverno chegou...» E' assim, mais ou menos, que se inicia a fábula de La Fontaine. Observar a carreira dos cantores no cinema, para tirar a prova se o fabulista tem razão, é coisa bastante curiosa, principalmente se tomarmos dois diferentes países. No que diz respeito ao cinema francês, La Fontaine acertou quase, que infalìvelmente: as cigarras deixam o canto, e seguem o exemplo das formigas. Mas no americano, o resultado tem sido, muitas vêzes, compensador para as cigarras.

Senão, vejamos: Bing Crosby conseguiu reunir fabulosa fortuna — uma das maiores dos Estados Unidos — e é uma garantia de sucesso dos filmes em que aparece, graças exclusivamente à sua voz. Como ator, Bing não

é extraordinário (apesar do «Oscar» por seu desempenho em «O bom pastor»), e, como homem, está muito longe da figura ideal de galã. Entretanto, sua carreira no cinema tem sido tão longa quanto laboriosa, e continua através dos anos. E Bing nunca aparece sem exibir sua bela voz...



Marcel Mouloudji, um ator múltiplo, «cigarra» em dois filmes.

Também Frank Sinatra, que antes de ser requisitado por Hollywood fazia desmaiar as «bobby-soxers» nos auditórios radiofônicos, trabalhou em diversos musicais da Metro, como «Márujos do ámor» e «Aconteceu assim». Depois de breve ausência das telas, durante a qual êle se aplicou em conquistar e desposar Ava Gardner, atuar em «night-clubs», esmurrar jornalistas e brigar com Lana Turner, Frank atuou em outro musical, «Ao compasso da vida», ao lado de Shelley Winters. Nova pausa para desentender-se com Ava Gardner, e ressurge Sinatra em um filme dramático, «A um passo da eternidade». Agora Frank reconciliou-se com Ava. Está pronto para entrar em nova fase de sua agitada carreira...

Dick Haymes teve um sucesso temporário. Com sua voz agradável e seu nariz arrebitado, arrancou suspiros de suas admiradoras, quando aparecia em papéis românticos nos musicais da Fox, ao lado de June Haver e Vera-Ellen. Durante algum tempo Haymes teve suas atividades artísticas limitadas aos «night-clubs». Hoje, casado com Rita Hayworth, voltou ao cinema; o filme que marca seu retôrno é «Cruising down the river».

Kathryn Grayson, ao que parece, conseguiu firmar-se. Pessoalmente não apreciamos a estridente soprano, mas não dexamos de reconhecer que Miss Grayson é uma graciosa figura de mulher. Pelo menos como adôrno sua presença no cinema se justifica. O mesmo sucede com Jane Powell, bastante desafinada, mas que está melhorando de aparência sensìvelmente.

Mario Lanza, muita publicidade e um pouco de desafinação, acabou brigando com os estúdios por razões de ordem culinária. Hoje, entraram num acôrdo: Mario será apenas ouvido, e não mais visto, podendo pôr a dieta de lado. Também Deanna Durbin, a ex-menina prodígio da Universal, engordou demais para um rouxinol, e deixou de ser um sucesso. Tornou-se uma boa dona de casa, desistindo das ambições cinematográficas.

Doris Day, personalidade, voz excelente, e uma simpatia tôda especial, conquistou para si um lugar previlegiado nos estúdios da Warner. Se esta posição é definitiva, só o futuro poderá dizer...

Ao lado dêsses que conseguiram vencer, pelo menos temporàriamente, existem outros que tentaram a sorte no cinema como cantores, e falharam, sem nunca ocupar o pôsto de um «astro». Aparecem esporàdicamente nos filmes, em números especiais, apenas para cantar. Andy Russell atuou em «Copacabana» ao lado de Carmen Miranda, em um pequeno papel. Tito Guizar, conhecido cantor mexicano, fêz também curta carreira nos estúdios americanos. Figurou em «Romance no Rio»; hoje anda desaparecido. Ou Nat King Cole, que aparece em «A gardênia azul», sussurrando a canção que deu nome ao filme.

Na França, as cigarras são sabidas. Chevalier filma de quando em quando, e sua carreira cinematográfica fica à margem da de cantor. Muito sensatamente, êle prefere não arriscar sua popularidade em jôgo tão duvidoso.

Charles Trenet atuou em diversos filmes que o Brasil não conhece. Em 1938 apareceu em «Je chante» e depois em «La route enchantée», cujo cenário era de sua autoria. «Romance de Paris» foi um grande sucesso, como «Frederica» e «La cavalcade des heures». A primeira película que, segundo a crítica francesa, conseguiu captar e transpor à tela a poesia de Trenet, foi «Adieu, Léonard», dos irmãos Prévert. Trenet, insatisfeito com as películas em que atuou, retirou-se voluntàriamente do cinema em 1943. Mas não abandonou o projeto de dirigir um filme.

Mistinguett nunca conseguiu impor-se como «estrêla» de cinema. E a famosa Edith Piaff, em dez anos trabalhou em apenas quatro filmes. Dêstes, nenhum foi exibido no Brasil.

Os atores que venceram no cinema francês, foram precisamente aquêles jue conseguiram fazer o público esquecer de que também sabiam cantar. E cantam apenas quando isso se torna absolutamente necessário Suzy Delair, Fernandel, Rellys e Bourvil.

Yves Montand usou sempre de prudência. Em seus três primeiros trabalhos para o cinema, «Étoile sans lumière», «Les portes de la nuit» (dirigido por Marcel Carné), e «L'idole», Montant não cantou. Hoje seu talento de ator se afirma com sua criação em «O salário do mêdo», de Henri-Georges Clouzot, onde sua composição tem sido altamente elogiada pela crítica européia.

Alguns «astros» do cinema francês abandonaram completamente o canto pelo cinema: Fraçoise Rosay desistiu de ser cantora lírica «Coco» Aslan (o príncipe de «Meu amigo, Amélia e eu») deixou seu pôsto de cantor cômico na orquestra de Ray Ventura, e Noel-Noel já não é mais cançonetista. Outros, depois de vencerem no cinema, descobrem seu talento de cantor: Danièlle Darrieux, Gisèle Pascal, Albert Préjean, Michèle Alfa. Existe mesmo uma «estrêla» do cine francês que trocou o cinema pela canção, Helène Robert, uma ingênua dos filmes de antes da guerra.

Marcel Mouloudji é um exemplo único de jovem artista que conseguiu sucesso em vários setores artísticos. Pintor, poeta, compositor, escritor, Mouloudji possui também a mais bela voz que tivemos oportunidade de ouvir. Entretanto, seu talento de intérprete é bastante para que êle seja um sucesso cinematográfico, mesmo sem cantar. Em «Nosso sacrifício, nossa glória» Mouloudji era um pára-quedista, enquanto que em «Sedutora selvagem» fêz uma criação impressionante, como o pervertido irmão de Maria Casarès. Em ambos os papéis, Mouloudji tinha a oportunidade de

(Cont. na pág. 34)

Maurice Chevalier não sente o inverno; continua cantando apesar dos anos.



Quatro «cigarras» no verão da carreira. Da esquerda para a direita: Dick Haymes, Katryn Grayson, Dinnah Shore e Frank Sinatra.





Um pouco de insensibilidade interior mas a primeira beleza latina: Maria Felix.

as quinze mais belas

Um encanto diferente, um pouco singular, como um raro enlêvo: Rhonda Fleming.

A beleza exuberante, sensual e bem expressiva da Itália: Gina Lollobrigida.





Personalidade, inteligência, cultura e encanto: Jean Simmons.



do cinema internacional

De MARIA LUIZA, exclusivo para «A CENA»

A fragrância dos traços em luta e a suave infantilidade do íntimo: Elizabeth Taylor.



Cada «estrêla» tem seu atrativo especial. Marilyn Monroe é o «sex-appeal». Bette Davis, Barbara Stanwick, Anne Baxter, a personalidade e o talento dramático; Leslie Caron, Debbie Reynolds e Mitzi Gaynor a graça, a espontaneidade e a juventude.

Existem beldades e as belezas discutíveis, essas que não apresentam traços perfeitos, e que agradam de acôrdo com o gôsto de cada um.

O tipo de beleza feminina universal não é tão fácil de encontrar. Alida Valli tem uma testa magnífica; o pescoço de Valerie Hobson é longo e gracil. Nada se compara ao sorriso de Arletty, ou aos olhos de Michèle Morgan.

As mais belas em conjunto, talvez não ultrapassem a quinze. E' certo, muitos nomes serão omitidos, pois é tarefa dificultosa selecionar as mais belas, dentre as belas.

Só se pode determinar é que a terra das mais lindas «estrêlas» é a Grã-Bretanha. Pois são inglêsas três das mais belas mulheres do cinema: Vivien Leigh (indiana de nascimento), Jean Simmons e Elizabeth Taylor. Miss Leigh e Miss Simmons aliam à beleza, personalidade e inteligência. Elizabeth Taylor coloca-se ao lado da maravilhosa austríaca Hedy Lamarr que é, segundo a opinião americana, «bonita mas tolinha».

As belezas americanas vêm em plano um pouco inferior ao das acima citadas: Ava Gardner, misto de beleza e «sex-appeal»; Arlene Dahl, com um perfil esplêndido; Janet Leigh, uma beleza mais modesta. E Rhonda Fleming, cujo extraordinário encanto ainda não foi devidamente aproveitado pelo cinema.

As duas mais formosas italianas são tipos diametralmente opostos: Pier Angeli, verdadeiramente angelical; e Gina Lollobrigida, beleza exuberante.

(Cont. na página 18)

Curiosidades e close-ups

Os espectadores em conjunto e seu comportamento numa sala de projeção de cinema foram vistos em um de nossos últimos números. Procurou-se associá-los, ao que ocorreu-nos à memória aos irracionais. Porém, o desfile continua, com outros espécimes da escala zoológica: "PREGUIÇA": no salão de espera refastela-se em um banco quando os há; caso contrário escora as paredes ou senta-se em um degrau de escada. Na sala de projeção ocupa duas ou três poltronas simultâneamente e não se preocupa com mais nada. Quando alguém pretende disputar-lhe um lugar move-se lentamente entre um bocejo e um resmungo de protesto. Não fala: tem preguiça.

OS BICHOS NO CINEMA (II)

De SANIN, exclusivo para "A CENA"



«Olha o cigarro, moço» diz o «vagalume».

"PAPAGAIO":ao sentar protesta contra os empurrões. Senta e fala sôbre o espectador da frente que olhara curioso. Fala sôbre o complemento nacional procurando identificar a rua, o bairro ou a pessoa filmada. Fala e combina com visinho que o acompanha sôbre o próximo filme e fala durante tôda a exibição, contando episódio por episódio sempre com precedência sôbre a imagem, isto quando não diz o desenlace da fita, quando sôbre êle repousa todo o interêsse da trama.

"VAGALUME": é um tipo inquieto que antes de prejudicar prejudica-se. Além de não assistir ao que se exibe, passa momentos angustiantes. O vagalume é uma vitima de outro vagalume. Vejamos como procede: senta-se na sala de projeções e é um individuo normal. Tudo corre às mil maravilhas nos primeiros cinco minutos, passados os quais começa a se agitar; olha por todos os lados. Enfia a mão no bôlso e depois de revirá-lo tira um cigarro e uma caixa de fósforos; abaixa-se e acende o cigarro. Vencida a primeira etapa começa então a luta contra a fumaça. Luta titânica. Agita os braços e faz da mão leque tentando diluir o mundo de fumaça que o cerca. Aí entra em cena o outro "vagalume" que com um jato de luz certeiro, denuncia-o e pede que deixe de fumar. E o movimento é repetido enquanto dura a sessão.

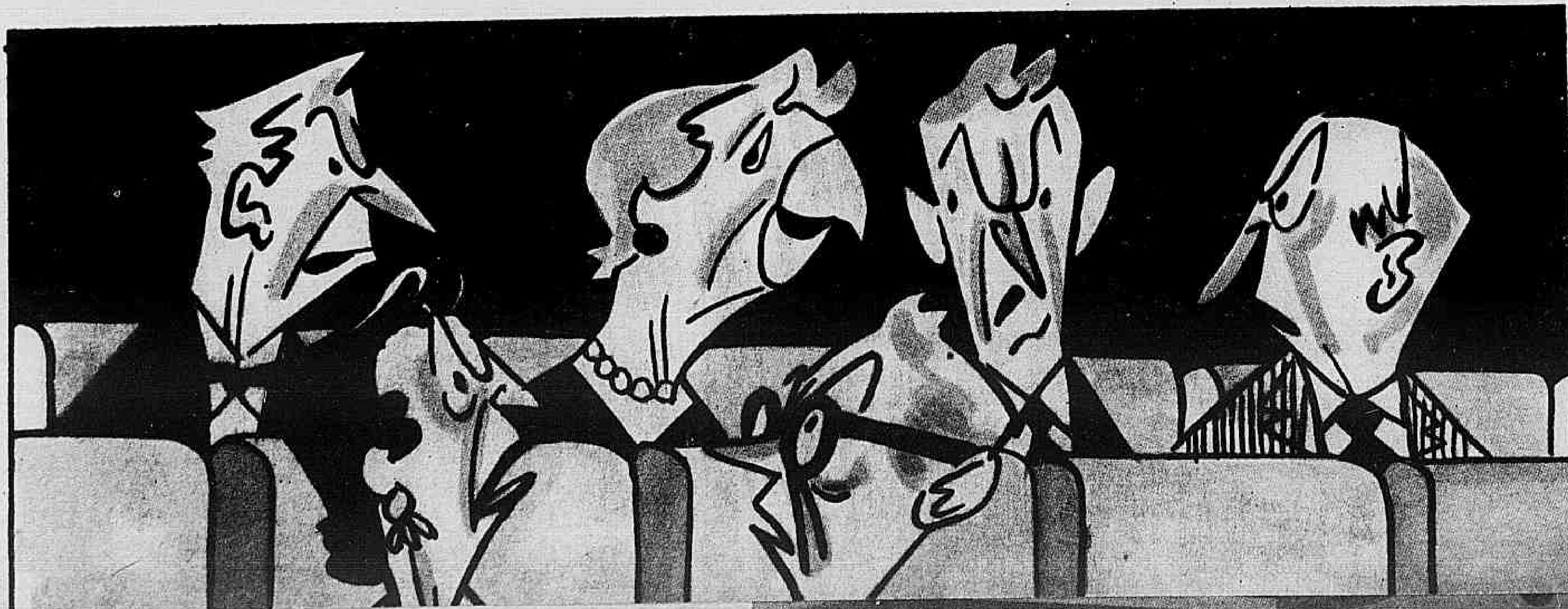
"ATU": tem algum parentesco com a preguiça. Manifesta-se entretanto de maneira diferente. Sentado numa cadeira espicha os pés e os coloca sob as poltronas da fila da frente. Escamoteia o pescoço para dentro do corpo, curva as costas. E' um constante obstáculo às pessoas que cruzam a fila pois nada os faz moverem-se de sua posição cômoda.

"POMBOS": vão ao cinema aos casais. Escolhem as sessões menos frequentadas e os lugares mais escondidos: os últimos bancos das últimas filas, longe do sempre inoportuno olhar dos outros espectadores. Durante a projeção vivem um outro filme — êste em terceira dimensão.

"LÔBO": é de voracidade incomparável, agressividade impar e sempre importuno. Tem olhos de gato quase-clinico. Vê no escuro uma vitima e senta-se ao seu lado. Ora, ninguém há de suspeitar de que por ter a companhia de estranho na poltrona ao lado seja uma vitima. Seu aspecto é normal e não contribui para que se suspeite de suas intensões. Começa então um jôgo de empurra — luta de cotovelos que vão-se apoderando dos braços da poltrona, e da vitima. Depois como se acometido de mal súbito, cai um braço que vai repousar na perna da vitima. Se, nesta altura dos acontecimentos, não houver reação caracterizada a coisa muda de aspecto...



O «lôbo» prepara o bote.



Uma companhia indesejável — o «papagaio».

SEGREDOS DA TELA

CATÁSTROFES

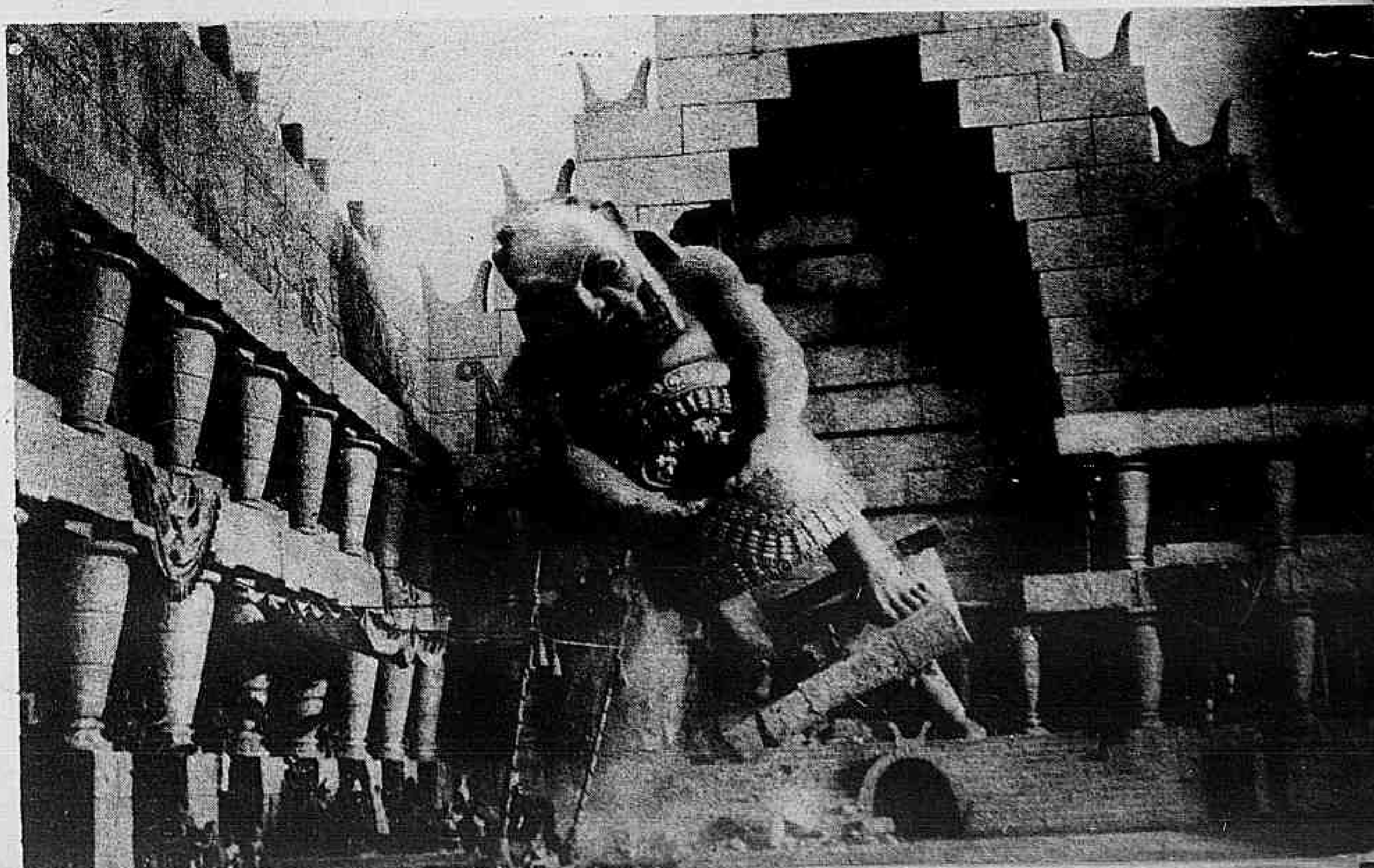
O monumental ídolo cai. Estas cenas exigem grande perícia técnica. (Trecho de «Sansão e Dalila»).

O cinema pelos grandes recussos técnicos que possui, foi certa vez acusado «de fazer do falso testemunho, uma arte, uma ciência e até mesmo uma profissão de fé». Isto porque no princípio de seu desenvolvimento, quando o público se interessava principalmente pelas atualidades, alguns realizadores não hesitaram em reconstituir nos estúdios, com os meios primitivos de que dispunham, os principais acontecimentos do momento. Se, por um lado, estas «atualidades» careciam de veracidade e autenticidade, por outro muito contribuiram para o desenvolvimento de uma feição da técnica cinematográfica. O maremoto da Martinica, as batalhas navais, os terremotos e os grandes desastres passaram a constituir obrigatòriamente um número dos programas de cinema.

Algumas dessas cenas são realizadas em sigilo absoluto mas, na marioria, conhece-se o princípio geral, que é o que passamos a descrever. A foto ao lado mostra-nos o desabamento de um templo. Para a sua realização empregou-se dois elementos do que se chama truque: a máscara e a maqueta.

A máscara consiste em um pedaço de papelão recortado colocado à frente ou atrás da lente da câmara. Ela impede que os raios luminosos atravessem esta parte da objetiva e recoberta impressionem a região correspondente no filme negativo. Filma-se então os figurantes descendo a escadaria do «decor». Em seguida, retira-se a máscara e usando o mesmo filme já parcialmente impressionado, com uma contra-máscara que cobrirá exatamente a porção exposta da lente, filma-se a maqueta de uma distância tal, que se ajuste com o cenário construído. Provoca-se o desabamento miniatura e o resultado é como se vê dos mais convincentes.

O desabamento de um templo reconstituído em um estúdio.



AS MAIS BELAS



A beleza misto de sensualidade, envolvimento e mistério: Ava Gardner.

Encanto álgido de expressão mas perfeito fisicamente: Hedy Lamarr.





DE CADA PAÍS

de **MARIA LUÍZA**
(exclusivo para A CENA)



A delicadeza de traços, a sutileza da alma da artista francesa: Marcelle Derrien, de «O Silêncio é de Ouro», um título que revela muita coisa.

Itália

A beleza distinção, a profundidade de sentimentos, de cultura, de elevação: Vivien Leigh.

DE 10 PAÍSES, AS MÁXIMAS EXPRESSÕES DO ENCANTO

INGLATERRA	VIVIEN LEIGH
ESTADOS UNIDOS	AVA GARDNER
FRANÇA	MARCELLE DERRIEN
ITÁLIA	PIER ANGELI
ÁUSTRIA	HEDY LAMARR
MÉXICO	MARIA FELIX
SUÉCIA	MARTA TOREN
CANADÁ	SUZANNE CLOUTIER
ARGENTINA	DELIA GARCÉS
HUNGRIA	ZSA ZSA GABOR
BRASIL	**Aguardem, no próximo número, uma curiosa reportagem neste sentido**

(Conclui nas páginas 22 e 23)



Halo de puresa, de esperitualidade, o encanto do contacto com o íntimo: Pier Angeli

ELENCO:

Pola .... *Marilyn Monroe*
Loco .... *Betty Grable*
Schaize Page.... *Lauren Bacall*
Freddie Denmark *David Wayne*
Eben .... *Rory Calhoun*
Tom Brookman *Cameron Mitchell*
J. Stewart Merril. *Alex D'Arcy*
Waldo Brewster... *Fred Clark*
J.D. Hanley.. *William Powell*

FICHA TECNICA:

Produção e argumento, *Nunnally Johnson* — Diretor, *Jean Negulesco* — Baseado nas peças teatrais de: *Zoe Akins, Dale Eunson* e *Katherine Albert* — Direção musical de: *Alfred Newman* — Diretor de Fotografia, *Joe Mac Donald*, ASC.


Pola procura «caçar» um milionário


Marilyn Monroe, a última sensação do cinema, em «sex-appeal», vive a parte de Pola, uma das «cavadoras de ouro».


As três «gold-diggers»: Marilyn Monroe, Lauren Bacall e Betty Grable.

Como

A SER EXIBIDO NO FESTIVAL DE SÃO PAULO EM «CINEMA-SCOPE»



Uma série de ininterruptas artimanhas, tôdas três usando astúcia e feminilidade, particularmente Pola e Loco



Schatze não sabe que Tom é um autêntico milionário...

A NOVELA DAS IMAGENS

Agarrar Um Milionário

Três encantadoras jovens modelos de Nova York, Schatze Page (Lauren Bacall), Pola Debevoise (Marilyn Monroe) e Loco Dempsey (Betty Grable) resolvem que é tão fácil amar a um homem rico como a um pobre. Elas alugam um luxuoso apartamento e se põem em ação, à cata de milionários. Possuindo entre si um quarto de dólar apenas, Loco permite que um jovem, Tom Brookman, pague suas compras numa confeitaria. Quando Tom tenta entrar no apartamento é impedido por Schatze por estar vestido como um sebento «macaco». O jovem se dirige ao Edifício Brookman onde todos o cumprimentam obsequiosamente. Acontece que êle era o proprietário do edifício!

Schatze vende o piano a fim de pagar o aluguel a Freddie Denmark, seu senhorio que, por sua vez, está fugindo ao pagamento do imposto de renda: portanto não as poderia molestar muito.

Peça por peça os móveis estão sendo vendidos e ainda nenhum milionário... Sòmente Tom que insistentemente procura sair com a desinteressada Schatze. A monotonia é desfeita quando Loco volta à casa trazendo em sua companhia J. D. Hanley, um proprietário de óleo no Texas que apresenta as garôtas a outros milionários: — Loco a um empertigado magnata, Waldo Brewster e Pola a um convencido encantador J. Stewart Merrill.

Brewster, embora casado, quer que Loco vá em sua companhia a uma sua propriedade no Maine. Schatze a aconselha a ir, pois o aluguel já está vencido. .Quando Loco descobre que o lugar não é como Elks, cheio de gente e de alegria, ela se prepara para voltar para Nova York quando nota estar com sarampo. Brewster, por sua vez, fica contagiado e, enquanto isso, Loco se diverte «skiando» em companhia de seu chofer, Eben, cuja verdadeira profissão era a de guarda florestal. Loco tenta não se deixar apaixonar.

Nesse ínterim, Pola, adquirindo sérias intenções acêrca de Stewart, decide voar até Atlantic City para conhecer sua mãe. Completamente cega sem os seus óculos e por demais preocupada com sua aparência para usá-los, toma o avião errado e se senta ao lado de Freddie, o senhorio, de viagem para Kansas City!

No apartamento, Schatze bate-se numa batalha perdida. No momento em que a última peça da mobília está sendo retirada, Hanley volta e pede que ela se case com êle. Preparativos estão sendo feitos quando Loco volta com Eben e Pola chega acompanhada por Freddie com que ela se casara em Cuba. Hanley sabe que Schatze está apaixonada por Tom e deixa que êste tome o seu lugar na cerimônia do casamento.

Mais tarde quando os três casais estão festejando o acontecimento num bar e Tom pede que sirvam «drinks» para todos, a surprêsa é geral. Poderia êle se permitir essa despesa? Bem, êle apenas possuía 200 milhões, diz êle mais a cidade de Brookman na Pennsylvania.

AS QUINZE MAIS



O encanto ingênuo e terno: Suzanne Cloutier, do Canadá.

O Canadá está bem representado nesta página pela mais linda jovem do cinema que nasceu em seu solo: Suzanne Cloutier. Há um único filme seu lançado no país: «Vítimas do destino», onde desempenhou a presidiária heroína. Virá, também, em «A chave dos sonhos», de Carné, e em «Otelo», de Orson Welles onde triunfou como Desdemona. A Suécia está expres-

A beleza discreta e sincera: Janet Leigh.



Beleza e exotismo sem rebuscamentos: Arlene Dahl.



BELAS DO CINEMA INTERNACIONAL

AGUARDEM, NO PRÓXIMO NÚMERO, UM CURIOSO JULGAMENTO DAS BELEZAS DO CINEMA BRASILEIRO

sada por Marta Toren, a mais delicada das suas expressões, com o seu tênue pescoço de cisne. Dos Estados Unidos mais três destacadas representantes: o exotismo de Arlene Dahl, a suavidade de Janeth Leigh e o sentido ardente de Susan Hayward completando, assim, o grupo das 15 mais belas criaturas do cinema mundial, de acôrdo com a seleção de **MARIA LUIZA.**

Um misto de múltiplas emoções e encantos: Marta Toren, Suécia.





A beleza envolvente, vibrátil e com ampla personalidade: Susan Hayward.

DE TODO O MUNDO

Serviços especiais para «A CENA», coordenados por L. BOLTSHALSER



Na versão japonêsa de «Os Miseráveis» de Victor Hugo, o Monsenhor Myriel, pároco de Digne (França), oferece a Jean Valjean uma cuia de arroz e os respectivos pausinhos.

O jovem e brilhante diretor Alexander Mackendrick, que se revelou com «Alegria a granel» e firmou-se definitivamente com «Martírio do silêncio», prepara atualmente nos estúdios da Ealing uma «Biografia de um homem que nunca existiu».

F R A N Ç A

Pierre Brasseur ora interpreta «Rasputine», ao lado de Isa Miranda, sob as ordens de Georges Combret. Isa Miranda incarna o personagem da Tzarina. Durante uma ardente cena de amor do filme, entre Brasseur e Isa Miranda, o realizador do filme gritava: «Beije-a com mais fôrça!» O resultado é que, uma vez a cena terminada, constatou-se que Brasseur perdera a metade de seu enorme bigode postiço.

Gregory Peck, que continua gozando suas férias na Europa, acolheu no aeroporto de Orly seu filhinho Jonathan, que veio passar suas férias de fim de ano com o pai. Gregory Peck recebeu o filho com muitos presentes...

H O L Y W O O D

Danny Kaye interpretará o papel de Maurice Chevalier, num filme consagrado ao popular cantor francês.

Nick Cravat, o amigo mudo de Burt Lancaster em «O gavião e a flecha», fará o papel de macaco assassino de «O assassinato da rua Morgue», versão da novela de Edgar Poe, em filmagem atualmente nos estúdios da Warner. Nick representará dentro da pele de um orangotango verdadeiro.

Elizabeth Taylor, seu marido Michael Wilding e o ator Fernando Lamas num intervalc de filmagem da nova produção da Metro, «The girl who had everything».



Christiane Martel, Miss Universo, acaba de casar-se com o jovem Ronnie Marengo. Quanto à questão de continuar sua carreira, Miss Universo declarou: «Pessoalmente, a carreira me tenta. Farei o que Ronnie me aconselhar... Mas acho que conseguirei persuadi-lo a deixar-me continuar». O que Miss Universo quer...

Uma jovem de 19 anos, Renée Rousseau, há três meses contratada pelo magnata da aviação e do cinema Howard Hughes, tentou o suicídio cortando os pulsos. Seus gritos histéricos alertaram um locatário do prédio em que residia, que chamou a polícia. Salva finalmente, Renée declarou que tinha tentado pôr têrmo à vida, porque estava há três meses em Hollywood, e ainda não era uma «estrêla».

U. R. S. S.

O «Bureau Central para a Educação do Povo» distribuirá, na Rússia, o filme «A volta de Don Camillo», como exemplo de uma produção fomentadora de uma fraternidade universal. Ao mesmo tempo que a URSS adquire o filme, seu produtor, Rizzoli, foi condecorado em Paris com a Legião de Honra, por ter contribuído com o seu trabalho para o congraçamento dos povos italiano e francês. «A volta de Don Camillo» tem por principais intérpretes Fernandel e Gino Cervi.

P O R T U G A L

Orlando Vitorino e Azinhal Abelho continuam colhendo imagens, através do país, para seu filme «Para onde vais, Maria?» um curta-metragem subsidiado pelo Fundo do Cinema Nacional e filmado em côres pelo processo Ferraniacolor, sendo o primeiro filme português a utilizar o processo. O operador Aquilino Mendes é o responsável pela fotografia.

Í N D I A

Alexander Korda, depois de diretor e produtor, interessa-se agora pela distribuição de filmes. Na Índia, selecionou — entre mais de quatrocentos — o filme «Mangala» cuja exibição na Inglaterra será por êle patrocinada. Korda escolheu o que lhe pareceu mais semelhante ao estilo ocidental de narração cinematográfica, e o filme tem maravilhado a quantos o assistiram.

I N G L A T E R R A

Ivan Barnett acaba de dirigir uma nova versão, em côres, de «O desmoronamento da mansão Usher», adaptação da novela de Edgard Allan Poe. Os «astros» do filme são, Gwendoline Watford e Kay Tendeter.

Bastante pitoresca a resolução do Breen Office a respeito do filme «O paraíso do capitão», estrelado por Alec Guiness, Celia Johnson e Yvonne De Carlo. Na versão original do filme, Guiness é bígamo. E' casado com duas mulheres: uma, a honrada e fria espôsa inglêsa (Celia Johnson), que mora em Gibraltar; a outra, ardente e viva (Yvonne De Carlo), mora na África do Norte. Para êsse homem feliz, basta atravessar o estreito de Gibraltar para conhecer duas faces muito diferentes do amor — sem pecar, já que é o espôso legítimo das duas mulheres. A censura americana, horrorizada com êsse caso de bigamia, exigiu que o herói do filme fôsse casado com apenas uma mulher: a inglêsa. Condenou-o assim a cometer adultério com a outra!

O QUADRO DE HONRA
DO MÊS DE JANEIRO



OS MELHORES DE JANEIRO

1º filme: — «Brinquedo Proibido» (5 pontos, excepcional).

1º atriz: Brigitte Fossey, «Brinquedo Proibido».

1º ator: Vittorio Gasman em «Muralhas da Esperança».

1º músico: Narciso Yepes, em «Brinquedo Proibido».

1º fotógrafo: R. Jillard, em «Brinquedo Proibido».

2º filme: Martírio do Silêncio» (4 pontos, ótimo).

2º atriz: Lucia Bosé, em «Crimes da Alma».

2º ator: Georges Poujouly, em «Brinquedo Proibido».

2º músico: Giovanni Fusco, em «Crimes da Alma.

2º fotógrafo: Stacombe, em «Martírio do Silêncio».

Menção honrosa: A garôta Mau-

Menção honrosa: A garôta Man-

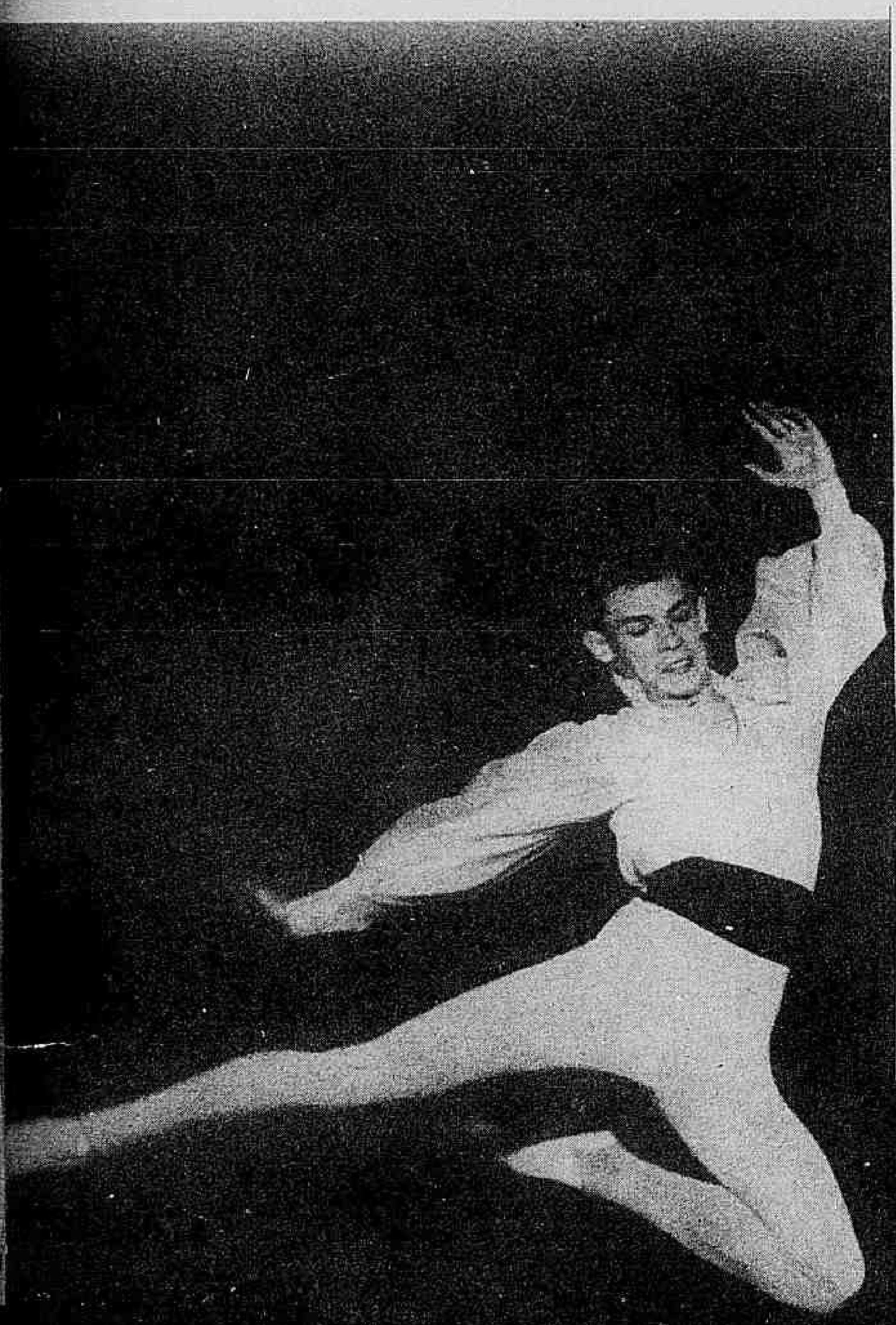


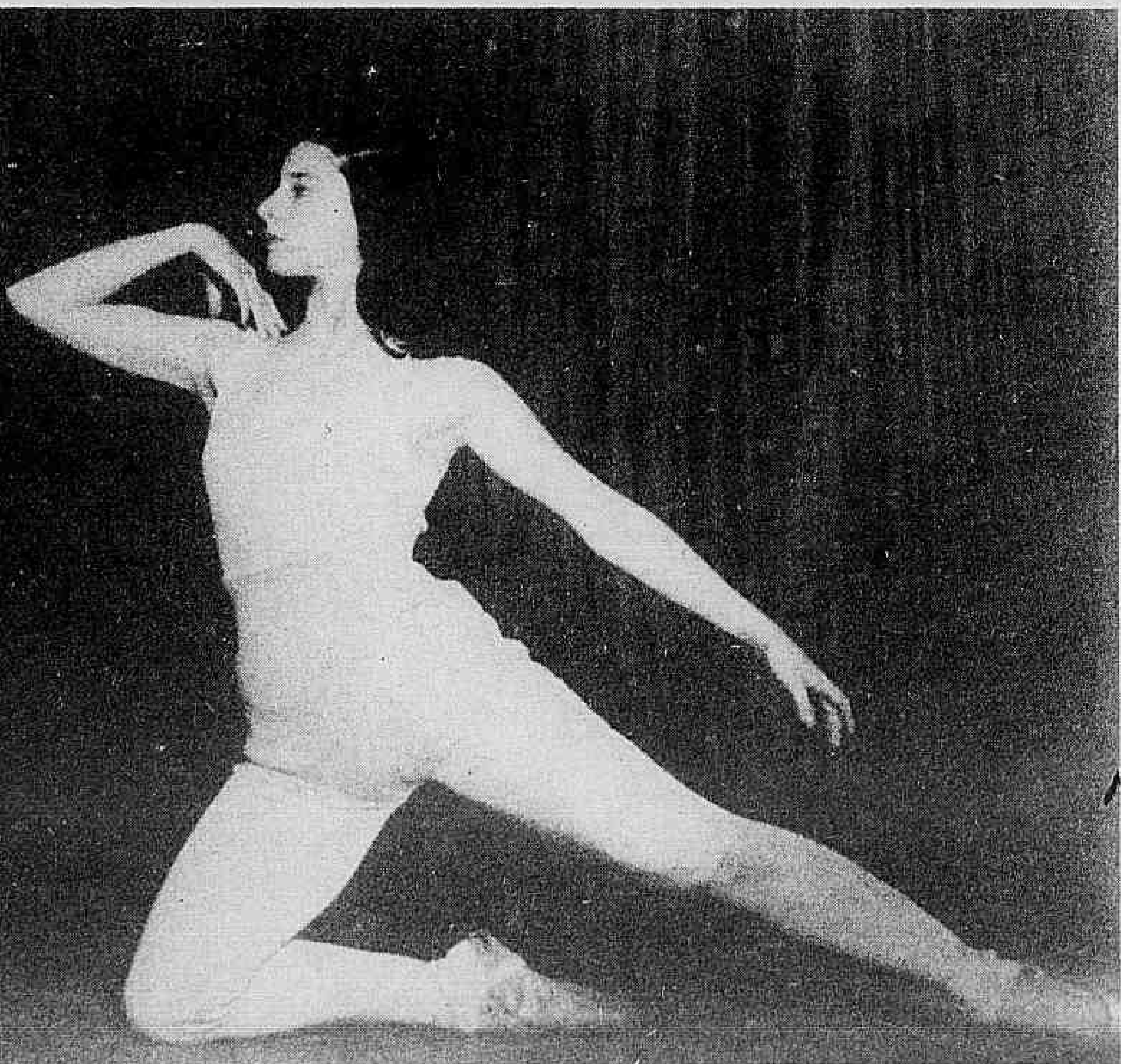
A «estrêla» Anna Pio Casilio e o diretor de «Tereza Raquin», Marcel Carné (à direita) num carro muito antigo...

Morgada Cunha, o primeiro elemento do conjunto de Lia Bastian Meyer.

Morgada e Emilio Martins em uma das recentes apresentações do conjunto.







O "BALLET" em PÔRTO ALEGRE

JONALD, exclusivo para "A CENA"

Não foi apenas durante uma única passagem, e, sim, através de exatamente seis viagens e estados que, no passado ano de 1953, fiquei conhecendo o "ballet" em Pôrto Alegre. A primeira circunstância de relêvo causará espanto a todos. Relativamente ao número de estudantes desta grande arte, a capital gaúcha é a cidade do Brasil que maior número de praticantes possui. A percentagem de superioridade do fator número acusa, segudo as estatísticas, mais do dôbro de estudantes em confronto com o Rio e São Paulo. Entre várias explicações está o fato de Pôrto Alegre ter sido colonizada por grandes núcleos europeus, entusiastas de "ballet". Daí a magnífica atmosfera que se nota na cidade no taconte ao desenvolvimento da arte de Terpsicore, bem como das demais.

Paira um entusiasmo, um frêmito sadio difícil de descrever. Tive ocasião de assistir a diversas aulas, das principais instituições, porém, infelizmente, não coincidiram as várias estadas com algum dos espetáculos que se

Outro dos máximos valores do conjunto de Lia e também da cidade que pretende ingressar no «ballet» do Rio.



Abaixo, a mestra Lia Bastian Meyer, demonstrando os seus méritos de bailarina e, acima, um belo salto de Emílio Martins.

costumam efetuar. Entretanto, o que presenciei foi suficiente a fim de aquilatar o esfôrço, o desprendimento, a imolação em busca de crescente progresso.

De dezenas e dezenas de instituições que cultivam a grande arte, duas se destacam francamente: a de Tony Seitz e a de Lia Bastian Meyer. A primeira foi a mestra que revelou ao Brasil e ao mundo a maior bailarina do Brasil, Beatriz Consuelo, atualmente brilhando na Europa.

Está em foco hoje, a de Lia Bastian Meyer. Desde 1933, após muito ter viajado pela Europa, em viagem de aperfeiçoamento, que esta dedicada mestra consagra as suas energias à criação das novas gerações de intérpretes do "ballet", tanto clássico quanto expressionista. Lia Meyer cursou a escola da célebre Mary Wigman, em Berlim, e muito lucrou com o seu contacto. Dirige a Escola Oficial de Bailados da Prefeitura de Pôrto Alegre. Segundo teve ocasião de revelar, foi quem levou a efeito, em 1933, pela primeira vez, um espetáculo completo de "ballet", integrado por figuras nacionais, na cidade. Depois disso o desenvolvimento do seu conjunto foi sempre em ininterrupto "crescendo". Entre os espetáculos da capital e os levado a efeito em excursões, tem representado: "Carnaval", de Schumann, "La Boutique Fantasme", "Sylphides", "Suite Quebra Nozes", "Amor Brujo", de De Falla, "Joana D'Arc", "Masquerade", etc.

Muitos são os valores do seu conjunto. A primeira figura é Morgada Cunha cujo maior anseio é seguir o exemplo das suas colegas gaúchas, Beatriz Consuelo — agora, um valor internacional — e Lília Dufech que, deixando o Rio Grande, no ano anterior, já conseg[illegible] ingressar no Corpo de Baile do Teatro Mun[illegible]al do Rio. Outros valores merecem ser cita[illegible]s como Sofia Grossmann, Teresinha Toald, [illegible]ílio Martins, Maria Casanova, Eurílio Martins e outros que escapam à memória. O "ballet" em Pôrto Alegre, com a sua larga disseminação, constitui um índice cultural muito favorável à capital sulina.



Lewgoy, em um trecho de «Carnaval em Caxias»

CARTAZES em REVISTA

Orientação de JONALD, L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em S. Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 1 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; e 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA — A ESTREAR NA PRÓXIMA SEMANA NO RIO

2 — "FEITIÇO BRANCO"

Raramente se produz um grande filme tendo a Africa por cenário. A regra é o aproveitamento da atmosfera para efeitos de bilheteria. Este, infelizmente, segue o comum do assunto. Entretanto, se assim quisessem os realizadores, a história poderia ser aproveitada de outra maneira. Havia um excelente fio para elevar o conteúdo. Trata-se das passagens em que é esposto o caso de uma enfermeira que, forçada pelas circunstâncias, se transforma em médica. Embora surjam muitas passagens em que é focalizado o seu heroísmo e desprendimento, não se retirou o necessário partido. Ficou bem claro, durante o desenrolar, que o objetivo foi o vulgar. Prestou-se demasiada atenção aos sortilégios, rudes crenças, rituais de baixas manifestações. Ao lado disto, uma ligação freqüentemente forçada com a parte documentária. Como se os efeitos estivessem com o tempo cronometrado, de tempos em tempos os motivos da natureza africana despontam de qualquer maneira. Conforme é fácil de concluir, faltou um inteligente roteiro. Com todos os ingredientes de recursos ao comum do gênero — as tríbus bárbaras africanas, lutas contra animais, inclusive a clássica, contra um leão, etc. — ainda assim se instala a monotonia. No setor de aventuras a película não convence e, na parte humana, — os dilemas da médica — o celulóide sempre tem um apoio, um «oásis»: a presença de Susan Hayward. A esplêndida atriz dignifica a sua parte, independente do sofrível da direção. Robert Mitchum, sempre o mesmo, em todos os papéis, é um pêso morto. Walter Slezak interpreta o ambicioso, em busca do ouro, sem retirar qualquer partido. Corretos os coadjuvantes. Produção da 20 th C. Fox, em «technicolor», a ser lançada no dia 22.

LANÇAMENTOS DE 8 A 14 DE FEVEREIRO

4 — "OS SALTIMBANCOS"

Já analisado em «Pré-Estréia» é um filme em que Elia Kazan evidencia a sua versatilidade. Ótima categoria de cinema e esplêndidos desempenhos, notadamente Fredrich March e Gloria Grahame.

3 — "LEITO NUPCIAL"

É antes de tudo uma peça teatral, da autoria de Jan Hartog. Foi um sucesso da Broadway, e apoiando-se em tal fator foi cenarizada e filmada. A peça teve sorte e tratou da sua transformação para o cinema uma boa equipe tendo na direção um promissor nome da cinematografia — Irving Reis, que infelizmente teve sua carreira tolhida pela morte, em 1953. Em interessantes imagens, onde está sempre presente o sabor teatral no bom sentido, é-nos contada a vida de um casal. Faz-se sentir uma certa fragmentação dos diversos atos e numa espécie de entremeio, para completar a ação e inteligentemente encaixados estão os expressivos desenhos da U.P.A. Casam-se maravilhosamente com a ação central e tornam-se complemento necessário da trama. Muito feliz foi a música de Tiopkim, que acompanha de perto o sentido das imagens. A fotografia é excelente e o casal Palmer-Harrison tem oportunidade de demonstrar na película a sua capacidade interpretativa. O intróito, cheio de fino humorismo, é seguido de ligeiro estudo das transformações psicológicas por que passa o simpático casal e os momentos mais importantes de suas vidas. O epílogo, infelizmente, encerra algo de mau-gôsto que prejudica, até certo ponto, a película. Constitui um agradável espetáculo que conta apenas com os dois atores Lilli Palmer e Rex Harrison. «The four poster», estreado no Pathé, é uma produção Kramer, para a Columbia.

2 — MÊDO QUE CONDENA

É uma infeliz realização do mediocre Don Siegel. Com tôdas as tonalidades de produção de classe inferior, pretende uma narrativa movimentada. O tema gira em volta de assassinatos e de processo de um inocente, esmagado pelas evidências, que pesam tôdas para o seu lado, vê-se condenado à morte. Não há ambientação para a narrativa e a película está assim envolvida por uma falsidade única que influirá na interpretação dos atores inteiramente deslocados. Há um advogado, muito bom, que, à custa de todos os sacrifícios, acaba descobrindo o verdadeiro culpado. Aliás, o advogado substitui os habituais detectives particulares ou os jornalistas sempre presentes em tal gênero. As vêzes piegas, o filme não chega a comover, tal a sua distância de um drama realmente humano . . . A fotografia comum. Há um inadequado acompanhamento musical. Teresa Wrigth e Macdonald fazem o que podem. «Every minute counts», estreado no Plaza, é um filme da RKO.

2 — MULHERES E ÁTOMOS"

O pior dos filmes de Walter Chiari já exibidos no Brasil, «Mulheres e átomos» é uma comédia que não faz rir. Dialogada em excesso, e diálogos sem espírito, a película descamba para uma monotonia insuportável. Foram infelizes, desta feita, os cenaristas Steno e Monicelli, que demonstram aqui absoluta falta de imaginação. Os dois recursos



A tão simpática Teresa Wright, em «Mêdo que condena».

de que abusam são condenáveis, em que pese o bom-gôsto: chanchada e pornografia. Boa parte do filme passa Walter Chiari levando tombos na neve, ou fazendo caretas; e uma segunda metade se caracteriza pelo humorismo grosseiro. Chiari continua sendo careteiro cem por cento, na tentativa de compor o tipo de imbecil que, como sempre, lhe cabe representar. Aroldo Tieri, o «homem nervoso» oficial das comédias italianas, aparece nivelado com Chiari. A bela Lucia Bosè surge sem oportunidade; enquanto Eduardo Cianelli, um bom ator, interpreta o vilão e constitui-se o único valor positivo do filme. Boa a fotografia de Montuori, discreta a partitura musical de Nascimbene. Título original: «È l'amor che mi rovina», produção Niccòlo Theodoli — I. C. S., distribuição da Art Films, estreado no Rivoli.

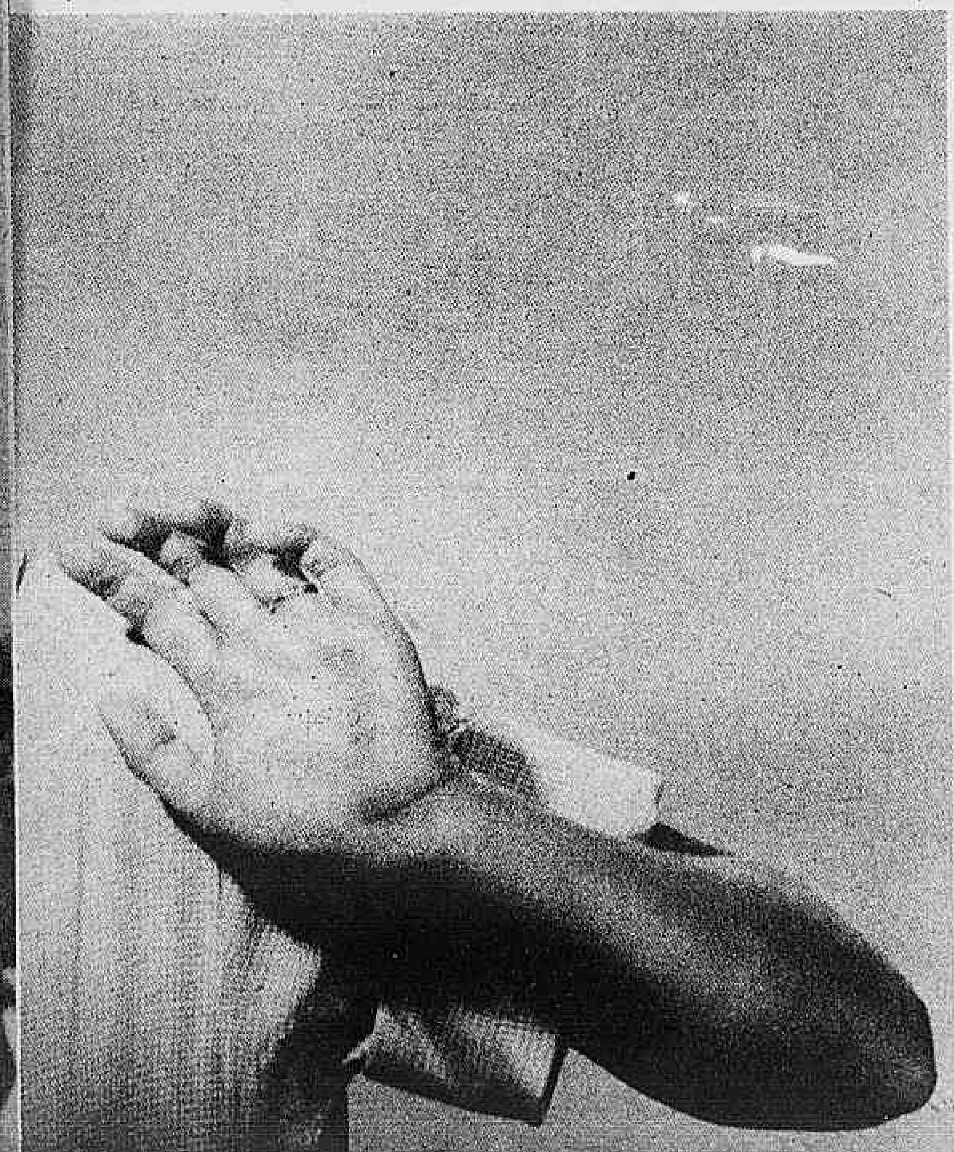
1 ½ — "CARNAVAL EM CAXIAS"

O filme carnavalesco é fenômeno peculiar ao cinema nacional. Aproveitando-se dos dias festivos e de uma época que se caracteriza pelo maior contato do povo com a música, os produtores, visando uma segura compensação econômica, lançam-se a películas cujo maior valor reside na exploração das canções carnavalescas e dos cantores responsáveis pelo seu lançamento. Para justificar êste «show» armam-se de uma trama pueril, de precária comicidade, quando não grosseira, em que o bastidor de um teatro, uma buate, ou uma estação de rádio é o cenário principal da ação. Quando alguém, afastando-se da rotina e do lugar comum, realiza algo de mais originalidade, êste alguém torna-se digno de elogios. Esta é, por sinal, a qualidade do filme «Carnaval em Caxias». O tema, colhido na nossa vida política, não poupa o regime do coronelato, associando-o à sátira ao «far-west» americano. Apesar desta base, o desenvolvimento cinematográfico inadequado é deficiente. O desenrolar é pontilhado de seqüências em que o humor sadio sobrenada os diálogos, mas, por vêzes, são enfadonhos. A interpretação de José Lewgoy, Dóris Monteiro, Modesto de Souza, é convincente. Faltou, entretanto, a Ariston melhor direção que poderia explorar mais adequadamente seus recursos de canastrão potencial. A fotografia, sem contraste, é descuidada. Mau o som. Coreografia insignificante dos números musicais. Produção Atlântida-Murilo Berardo lançada no Palácio e circuito.

LANÇAMENTO EM BAIRRO

2 ½ — "O DIREITO DE VIVER"

O assunto foge da rotina. O problema do desemprêgo em massa, as dificuldades dos operários. A cidade é pequena: Eaton Falls. Há muitas minúcias fixadas com propriedade. Começa o desenrolar agradando, com uma linguagem semi-documentária que prometia. Entretanto, pouco a pouco se vai compreendendo que o diretor Robert Siodmak estava deslocado neste gênero. Um dos antigos mestres do «suspense» não seria, certamente, o elemento indicado para a película. Embora as boas intenções do produtor Louis de Rochemont o desenrolar não adquire a necessária vivacidade. Os fatos estão sempre acima da melhor análise que deveria existir no íntimo das principais personagens. Em conseqüência, embora de modo geral correta, a narrativa promove a lembrança de lentidão. Esta apatia se robustece com a falta de um «climax» de mais vigor. As soluções são simplórias demais, conforme o caso do invento. Ainda assim, atendendo à fuga do banal e ao esfôrço do elenco, pode ser visto como um regular trabalho. O elenco está razoável, destacando-se Lloyd Bridges, seguido de Anne Francis. Entre os demais, em outro plano pode-se citar Carlton Carpenter. Produção Columbia, lançado no Cine Pax, em Ipanema.



REGISTROS NO RIO

«GARÔTAS DE LUXO» («Luxury Girls», United) — Filme italiano de distribuição da United. Direção de Piero Musseta, com Anna Maria Ferrero, Jacques Sernas, Susan Stephan, Rosanna Podestá, Steve Barclay e outros. Lançado no Império.

«ALÇAPÃO SANGRENTO» («Jack MacCall», desesperado Columbia) — «Wertern» sem conseqüências, merecendo apenas o registro. Direção de Sidney Salkow, com George Montgomery e Angela Stevens nas figuras centrais.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

Dos inéditos no Rio, apenas o resumo crítico:

1 ½ — «ASSASSINATOS EM PROFUSÃO» («Stop, you are Killing», Warners) — Direção de Roy Del Ruth, com Broderick Crawford, Sheldon Leonard, Charlie Cantor, etc.

«A DAMA DAS CAMÉLIAS» — Versão mexicana, com Lina Montes e Emilio Tuero.

2 ½ — «TUDO POR VOCÊ» («Confidentially Connie», Metro) — Direção de Edward Buzzell, com Louis Calhern, Janet Leigh, Gene Lockhart.

JÁ EXIBIDOS NO RIO

«FURACÃO DE EMOÇÕES» («South Sea Woman») — Já comentado em A CENA.

«DE TANGA E DE SARONG» («Road to Bali») — Com Bing Crosby, Bob Hope e Dorothy Lamour. Já analisado nestas páginas.

Dos filmes que, no ano anterior, não foram comentados nesta coluna vejamos as respectivas análises, em face do seu lançamento em S. Paulo:

«VIOLETAS IMPERIAIS» (Suévia Filmes — UCB — Espanha-França) — Produção franco-espanhola, com elenco de ambos os países. Fotografada em «Gevacolor», empregado pela primeira vez na película francesa «A favorita do Barba Azul», com maravilhosos resultados. Aqui, o principal valor reside na côr, e nos cenários. A ação transcorre na França e na Espanha, na era de Napoleão, com duas intrigas paralelas A narração é simples, demasiadamente talvez, sem grande ambição, algumas cenas nem sempre terminando bem, em um roteiro que dá predominância muitas vêzes aos conjuntos. A bela espanhola Carmen Sevilha e a francesa Simone Valère são as principais figuras femininas, e o tenor Luiz Mariano o intérprete masculino. Há músicas agradáveis, alguns diálogos cômicos, além de um conflito algo pitoresco em um café, nos primeiros momentos da história.

«MARCADO PARA MORRER» («Ride the man down», Republic) — Um «far-west» no velho esquema, apenas com maior tempo de projeção, e mais enroscamento de situações do que os habituais classe «c» da mesma produtora, a Republic. Quase sempre monótono e soporífero, mal escrito, mal dirigido e interpretado por Brian Donlevy, Rod Cameron, Forrest Tucker e Ella Raines. E às vêzes ridicularizado pela platéia, como quando Ella Raines aplica golpes de defesa pessoal e distribui socos e pontapés. Não se recomenda nem para as «matinées». O argumento original é de Luke Short, que já possibilitou a realização de um violento «western» na Columbia, «Águas sangrentas». Desta vez sua história não ajudou em nada. Direção de Joseph Kane.

«JOGUEI MINHA MULHER» («Let's make it legal», Fox) — «Comédia» matrimonial, dessas em que o marido, após o divórcio, tenta reconquistar a espôsa, conseguindo-o no final. Milhares de filmes norte-americanos exploraram o chavão, e êste é dos piores. Inadmissível para as platéias brasileiras, a película é de interêsse apenas local. Argumento, roteiro e direção tentando dar uma leveza e graciosidade que não existe, e atuações sem relêvo por parte de Claudette Colbert, Mac Donald Murray (o casal, já avós), Zachary Scott (o rival), Barbara Bates e Robert Wagner. Marylin Monroe aparece em um pequeno papel, sem mostrar o talento que possui. «Joguei minha mulher» é o protótipo de inferioridade, impingido em um lote. Lançado no Ritz S. João.



O presente: Dany Robin



O passado: Viviane Romance

O PRESENTE E O PASSADO DE DUAS ESTRÊLAS

DANY ROBIN, QUE VIRÁ A SÃO PAULO, EXPRESSA A MODERNA GERAÇÃO, E VIVIANE ROMANCE, A ANTIGA

De **MARIA LUIZA**, exclusivo para «A CENA»

Duas belas, talentosas e simpáticas «estrêlas», Viviane Romance sempre sedutora e Dany Robin um tipo ingênuo, representam duas gerações diferentes no cinema francês.

Viviane da «velha» geração foi uma das «estrêlas» das quais mais se falou há alguns tempos atrás. Fêz filmes na França, na Alemanha e na Itália. A heroína de «Maya» é bastante amável e sabe do que gosta e o que quer. Ela se apega ao trabalho com coração e vontade, intransigente por vêzes, mas apaixonada sempre, fêz maus filmes e disto ela sabe e diz sinceramente. Durante a ocupação não quis filmar em Paris preferindo a zona livre onde nem sempre havia recursos necessários. Mas em «Carmen», de Christian Jacques e «Pânico», de Duvivier, Viviane tem brilhante atuação.

Iniciou sua carreira como figurante, ao mesmo tempo que posava para cartões postais, criou um número de dança, com Harry Pilcer e conseguiu enfim um papel importante em «Camaradas», de Julien Duvivier. Foi a revelação de sua beleza, de seu «charme», nem sempre inocente, que tornou-a campeã do «esx-appeal» do cinema francês, e fôi também o começo de uma série de filmes onde Viviane era a heroína cujo traço característico não era sempre a virtude!

Foram propostas a Viviane Romance as interpretações das famosas Sapho e Messalina, mas ela não aceitou, alegando que o personagem a interpretar não importa tanto quanto o assunto da película.

Viviane Romance confessa que gostaria de dirigir um filme apesar de reconhecer as dificuldades de passar de uma atividade a outra, entretanto foi produtora de «Maya» e «Paixão».

Entre o trabalho do estúdio, os ensaios, o produtor, o empresário, o costureiro, a manicure, etc. a «estrêla» muito cotada quase não encontra tempo para viver ou sonhar com o lazer que poderia ter...

Viviane, dada a sua grande popularidade, conhece a angústia de viver prêsa ao relógio e atualmente o que mais lhe toma tempo é precisamente a produção de filmes, e quando chega ao escritório encontra grande correspondência, visitantes e pessoas para tratar de negócios!...

Mas apesar do trabalho, do tempo, etc. Viviane Romance, «estrêla» da «velha» geração, guarda ainda a sedução e a beleza dos seus primeiros filmes.

Dany Robin, a simpática atriz da nova geração, tem sido a jovem dócil, carinhosa, sincera ou ingênua sendo o seu tipo o oposto do de Viviane Romance. Gosta de passar as festas de Natal e o Réveillon entre os seus como o fazia nos tempos de criança.

Dany tem bastante «cartaz» no cinema atual e aparece em inúmeros filmes, sendo um dos mais famosos e inédito para nós, «Uma festa para Henriette», de Duvivier. A história se desenrola em 24 horas, precisamente no dia 14 de julho, dia de Santa Henriqueta, e tem 2 faces: 1 rosa e uma dramática; aventura trágica e bela, amarga e alegre, é um aspecto de todos os dias — o da ilusão...

E' um papel que cabe a Dany e entre «bibelots», cortinas, lustres e caixas de música, ela aparece num vestido de verão quase tão irreal quanto um sonho.

Em «Ela e eu», de Guy Lefranc, a bonita «estrêla» é a espôsa do excelente ator François Périer, uma das glórias da nova geração masculina. A história é de um jovem casal e composta de pequenos fatos que são engraçados e verdadeiros. E' um papel que cabe muito bem às medidas do tipo doce de Dany.

O seu último filme visto no Rio, foi a trágica história de amor «Romance Proibido», onde a intolerância esmaga dois jovens que se amam, e jamais será esquecida a sua interpretação, tal a sinceridade da «estrêla».

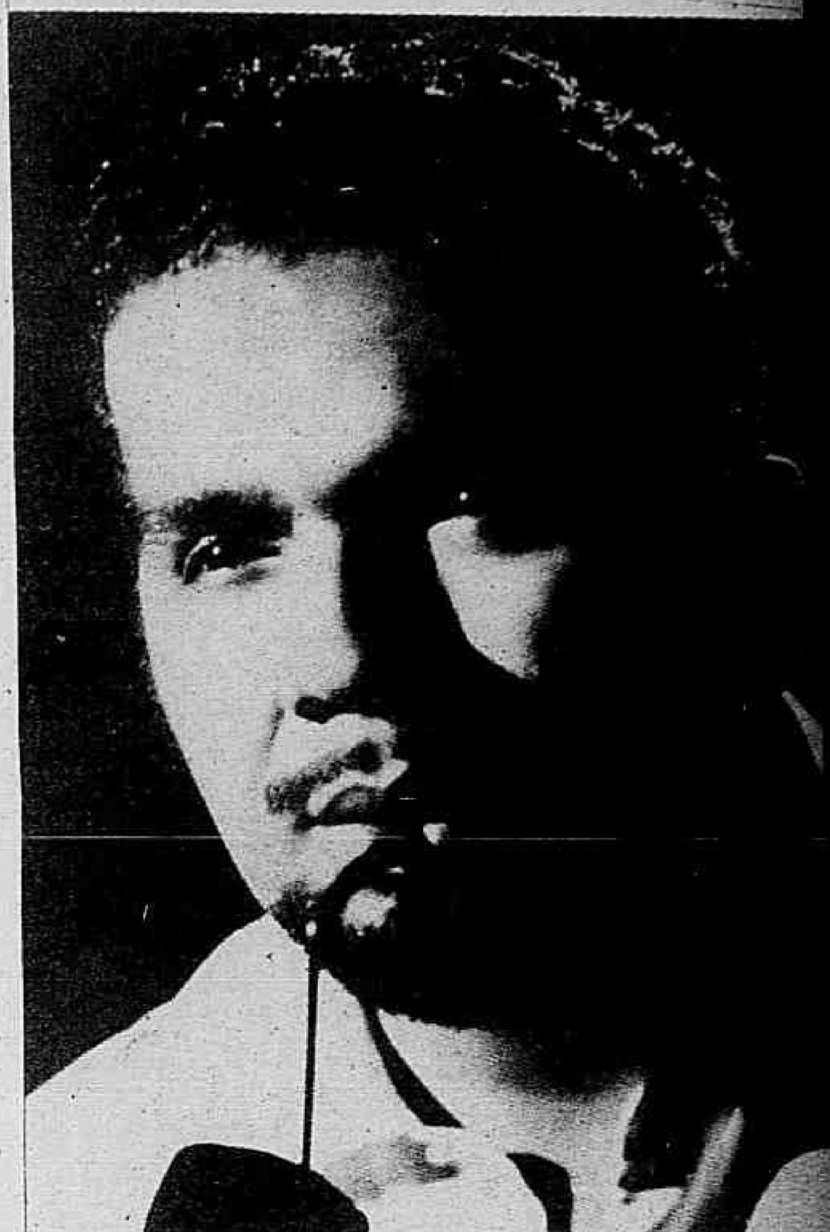
Dany Robin tem diante de si possìvelmente uma longa carreira e auguramos que tenha sempre o êxito que até agora encontrou. Disso estamos quase certos, pois Dany é bela e talentosa... uma autêntica representante da nova geração do cinema francês.

Um idílio de «Romance proibido»



TEATRO MÚSICA

"Ó ABRE ALA" no Jardel



José Maria Monteiro, premiado com a medalha de ouro de diretor, de 1953

Segunda edição revista e aumentada de "Marreta o Bombo", saiu a emenda pior que o sonêto. No texto do sr. Max Nunes faltou consistência e movimentação que dessem vida à revista. O humorismo à base do trocadilho e da pornografia faz-se presente em todos os números que carecem também de imaginação. Não foge à regra as charges politicas. A insegurança no próprio texto foi caracterizada quando, no fim do espetáculo, Evilázio dirige-se à platéia perguntando· "Estêve bom? Vocês gostaram?" E o público silenciou. Evidentemente a ausência do insubstituivel Lamartine Babo que terá à seu cargo uma homenagem ao Carnaval do passado, fêz sentir no desfilar os seus sucessos, por todos conhecidos. Substituindo-o atuou Evilázio adequadamente. A personalíssima Araci Cortês tem uma atuação digna; cantou músicas de seu repertório solicitadas pelo público; nos "sketches" apenas soube aproximar-se da comicidade de uma Violeta Ferraz, por exemplo. O palco do Teatrinho Jardel sem recursos, não permite montagens que caracterizem o "ó abre ala" como um espetáculo rico. Os cenários, entretanto, foram escolhidos convenientemente, com certo bom gôsto, porém, dentro das possibilidades cênicas poderia se desejar um pouco melhor. O guarda roupa, sem características especiais, é entretanto cuidado, variado e descobre magnificamente o corpo das "girls" poucas mas interessantes. Destacam-se, no elenco, o Trio Tamoio que agrada, o transformista Marcel correto e sem exagêro não tendo, porém, a classe de Yvana. A "vedette" Glória May em números cômicos, fêz-se notar. O espetáculo consegue se situar num plano tolerável, graças ao desembaraço e correção de Nick que se limitando a dizer seu texto o faz bem. Ressalte-se o retrato bem vivo da praia com seus tipos, uma das raras cortinas que consegue atenuar a vulgaridade dos outros números.

★

O TEATRO NA FRANÇA

Pierre Descaves, diretor da Comédie-Française, tem a intenção de montar, nesse teatro, uma obra de Molière, que nunca foi apresentada nêle "Os amantes magnificos", que foi criada em Versalhes.

O diretor da Comédie - Française pediu a Jean Meyer que tomasse a si a direção de cena dêsse espetáculo excepcional.

★

Prosseguindo na sua obra de cultura no estrangeiro, especialmente nas terras da União Francesa e nas colônias, a "Comédie de Paris" vai partir para uma longa "tournée" que compreenderá Martinica, Guadalupe, Venezuela e Equador.

★

Recentemente, regressou a "troupe" de longa excursão pelas Antilhas e a América do Sul, onde apresentou oito peças.

★

O "Teatro da União Francesa", dirigido por Max Palene, está fazendo, com suas três "troupes", uma excursão artística pela África Central, África Equatorial Francesa, Congo Belga, África Ocidental Francesa, Madagascar, Etiopia, Viet Nam, Cambodge, Láos.

Depois dessa longa excursão pelas terras da União Francesa principalmente, as "troupes" irão ao Japão, apresentando obras de Mariavoux, Molière, Racine, Beaumarchais, La Fontaine, Giraudoux, Guitry, Anouilh e outros antigos e modernos autores. (S.I.I.)

Maria Della Costa tem alcançado êxito nas suas excursões no interior





Sônia Oiticica, premiada pela Prefeitura, pelo seu desempenho na peça de Nelson Rodrigues

Rádio

DISCOS — NOVIDADES

EDEL NEY



Rodeando a «Ximbica», vêem-se, da esquerda para a direita: Aladim Vanderlei, Almeida Freire e Murilo Vieira.

De São Paulo: IMPRESSÕES DE LENY EVERSONG

Dona de uma popularidade, conquistada pouco a pouco, anos a fio, graças à sua extrema simpatia, e a sua voz, Leny Eversong pode ser considerada, sem sombra de dúvida, «a maior de S. Paulo».

Começou há muitos anos atrás, cantando músicas norte-americanas. Daí a razão do nome inglês que adotou, artìsticamente, embora seja brasileira da gema. Aliás, a propósito, vale ressaltar que Leny não fala patavina de inglês. Mesmo assim, foi considerada a cantora que tem a melhor pronúncia nessa lingua, quando interpreta os «hits» norte-americanos, notadamente os «blues», que são uma de suas paixões.

Sòmente há cêrca de três anos passou a interpretar a música popular brasileira, o que aumentou, consideràvelmente, o seu grande cartaz.

Grava atualmente para a Copacabana, e é uma das cantoras mais assediadas pelos compositores de todo o Brasil. Todo mundo deseja gravar com Leny Eversong, pois sua voz é realmente apreciável.

Faz verdadeiras «misérias» nos seus números especiais, conquistando sempre, com os mesmos, os mais delirantes aplausos. No momento tem um grande êxito à venda; trata-se de «Big Mamou».

Também, as suas gravações para o Carnaval, vêm tendo ótima aceitação, por parte do povo paulista.

Tanto os sambas «Sempre te amei», de Raguinho e Nei Campos, e «Estou morrendo de saudade», de José Roy, Orlando Monello e Ricardo Lopes, bem como a marchinha «Ali Babá», de José Sacomani e Magda Santos, estão no páreo do Carnaval do Centenário.

Seu «carro-chefe» é o samba «Panela vazia», de Liz Monteiro, Vítor Simon e Nei Campos. Êste último, Nei Campos, um dos melhores compositores da terra da garoa (esconde-se atrás de u'a modéstia injustificável), é o seu espôso. E' sabido por todos, que Leny Eversong e Nei Campos formam um dos casais mais felizes do rádio. Para após o carnaval promete grandes novidades em gravações, dentre as quais, o samba-canção «À margem da vida», de N. de Brito, e «Encontros», de Hianto de Almeida e parceria dêsse cronista.

HELEN DE LIMA

Helen de Lima começou no programa «Papel Carbono», de Renato Murce. Entusiasmou-se e passou a cantar em todos os programas de calouros. Ganhou o prêmio revelação, no Programa César de Alencar, onde foi eleita a «rainha do elenco dos novos». Brilhou, em seguida, no Programa Alvorada dos Novos, da Rádio Mayrink Veiga. Atualmente, já tem uma audição em seu nome e vai também gravar na «Todamérica». Uma carreira rápida e brilhante.



Wilson Roberto canta para «eva» o samba «Exemplo de cachorro». «Mulher que é sua, não sai sòzinha», é um dos trechos...

Helen de Lima tem atuado nos programas César de Alencar, Alvorada dos Novos, «Ritmo e alegria», etc.



PÁGINA DO Leitor

direção de «LONG-SHOT»

Semanalmente, «A CENA» publicará na íntegra, as melhores colaborações enviadas. Para maior estímulo, e desde que venham em têrmos, de todos os restantes trabalhos serão aproveitados alguns trechos. Há necessidade de que os originais sejam escritos a máquina (espaço dois) e não excedam de página e meia. Estimula-se o aproveitamento de valores que, eventualmente, poderão pleitear o seu concurso em órgãos da imprensa. Tôda a correspondência da seção deverá ser endereçada a «LONG-SHOT», «Página do Leitor».



Paulo Geraldo que tem em Haesse uma entusiástica «fan».

NOVATOS DE HOLLYWOOD

QUE há muita gente nova em Hollywood ninguém discute. São atores que sem conseguir o sucesso estrondoso de uma Marilyn Monroe vão, pouco a pouco, ganhando um lugarzinho de destaque no panorama cinematográfico e no coração do público. Uns apenas com um filme ganham prestígio de meter mêdo a qualquer «astro» veterano. Richard Burton, jovem astro inglês, está nesse caso. Com apenas um filme, «Eu te matarei querida» (My cousin Rachel), alcançou o estrelato. O mesmo pode-se dizer de Ralph Meerker, que apareceu há pouco com Barbara Stanwick em «Vida contra vida» (Jeopardy) num brilhante desempenho como o frio criminoso. Ralph vem aí num filme musical, ainda sem título em português, ao lado de Betty Hutton.

Jack Palance ganhou fama com «Precipícios Dalma» (Sudden Fear) ao lado de Joan Crawford, mas já aparecera antes em bons filmes como «Viva Zapata», onde fêz o jornalista, e em «Pânico nas ruas», o formidável filme de Elia Kazan, no papel de um criminoso. Anne Francis, uma encantadora lourinha, está subindo ràpidamente. Fêz uma pontinha em «Jennie», estrelado por Jenifer Jones, teve um papel forte (o melhor de sua carreira) em «Depravadas» (So yong so bad) ao lado de Paul Henreid, teve o papel principal de «Lidia Bayley, a feiticeira do Haiti» e há pouco tempo fêz dois filmes como filha do «gênio» Clifton Webb — «O gênio e os fugitivos» e «O gênio na televisão».

A francesinha Leslie Caron obteve sucesso absoluto em «Sinfonia de Paris», fêz um papel que não deveria ter feito em «O homem das Sombras», com Joseph Cotten, e vem aí brilhando de novo em «A história de três amôres» e o esperado «Lili».

Virginia Gibson dançou um «charleston» maluco em «No no Nanete», com Doris Day, apareceu depois em «Três cadetes em apuros» e ùltimamente em «Garôtas e Melodias», onde seu prestígio como dançarina foi pôsto a prova com sucesso. Lembram-se do mambo que ela dançou com Virginia Mayo e Gene Nelson?

Rock Hudson já apareceu em muitos filmes. O demolidor «Peggy», «Anjo escarlate» e recentemente «Sinfonia prateada», onde foi o namorado de Piper Laurie. Outro que está subindo ràpidamente é Robert Wagner. Além de sua bela ponta em «O meu coração canta», onde fêz o soldado doente, Bob apareceu em «O preço da glória», ao lado da irmã da meiga Pier Angeli, Marisa Pavan, e namorou há pouco uma «estrelinha» que estêve entre vocês, a deliciosa Debbie Reynolds. Rita Gam, aquela morena com ares de Ava Gardner, em «O ladrão silencioso», também é uma novata interessante. Beverly Michaels, uma loura imensa de voz rouca, estrangulou Ava Gardner em «Mundos opostos», foi descoberta por Hugo Haas e com êle apareceu em «Encontro na Ponte» e «Eco do Pecado» — da dupla Marge e Gower Champion.

Ava Norring trabalhou em «O preço da glória», Hildegard, que é alemã, apareceu em «Missão perigosa em Trieste», com Tyrone Power, e Helene Stanley apareceu num papel pequeno em «O gênio na televisão». Não vi nenhum filme com Ursula Thiess, mas a pequena começou bem, roubando Robert Taylor para si (enquanto Barbara consolava o viúvo de Maria Montez — Jean Pierre Aumont) e conquistando o título de «a mais bela do mundo» (que diz Maria Felix disso?).

Tab Hunter, depois de «A ilha do desejo», sumiu. Que haverá com êle? Andrey Dalton foi aquela figurinha linda de «Eu te matarei querida» e Collette Marchand roubou inúmeras cenas de «Moulin Rouge», no papel de Marie Charlet. Para mim, ela, Richard Burton e Ralph Meerker foram os mais talentosos novatos que apareceram ùltimamente. Termino citando Shirley Booth, a admirável intérprete de «A cruz da minha vida» (Come back litle Sheba), que com o seu primeiro filme logrou conseguir o «Oscar» de Hollywood. E convém dizer que os novatos de hoje são os futuros «astros» de amanhã.

MARIA IRENE GOMES DE MATO
(Recife)

PAULO GERALDO — O MAIS JOVEM GALÃ BRASILEIRO

Sua carreira artística é curta, mas, podemos assim mesmo notar que desde o início tem demonstrado capacidade artística.

Apesar de paulista foi, no Distrito Federal, ao lado da famosa atriz Bibi Ferreira, quando esta se apresentava nos palcos cariocas, que Paulo Geraldo teve pela primeira vez contacto com o mundo artístico.

Mal iniciara suas atividades recebeu a proposta da "Aceânia Filmes", que naquela época iniciava seus trabalhos, para estrelar "Conflito", ao lado de Tânia Amaral (Miss Televisão), Regina Laura e Maurício Barros.

Conflito foi uma produção infeliz, devida talvez a fraquíssima direção, que não soube aproveitar nem o argumento, nem os artistas, que ficaram completamente deslocados na película. Apesar de tudo estar contra, Paulo Geraldo não passou obscuro, e seu trabalho foi notado, proporcionando-lhe estrelar uma nova película que o faria conhecido do público, principalmente por seus méritos artísticos. E assim, em sua segunda produção para a Oceânia Filmes, lançaria definitivamente, o jovem galã, como astro de "Custa pouco a felecidade", tendo por companheira a consagrada "estrelinha" Vera Nunes. De fato Paulo Geraldo, nesta película (realmente seu primeiro trabalho, pois em "Conflito" teve apenas experiência) saiu-se muito bem, apesar dos poucos recursos que se lhe apresentaram tècnicamente.

Terminado seu contrato com a Oceânia Filmes, transferiu-se para a Cia. Cinematográfica Vera Cruz, onde se encontra atualmente, atuando na comédia "A família lero-lero", ao lado de Válter Dávila, num pequeno papel, que êle soube aproveitar, saindo-se muito bem. Após a conclusão dessa comédia Paulo Geraldo recebeu o convite de Osvaldo Sampaio para atuar em seu primeiro filme, "Estrada", em importante papel ao lado de Alberto Ruschel. Êste filme marca a estréia de Osvaldo Sampaio, que tão bem soube codirigir o laureado "Sinhá Moça".

Será, portanto, em "Estrada" (argumento e direção de Osvaldo Sampaio) que Paulo Geraldo terá sua maior interpretação, pois pela primeira vez terá oportunidade de ser dirigido por um grande nome que é Osvaldo Sampaio, tendo companheiros, o grande intérprete de "O Cangaceiro", Alberto Ruschel e mais Adoniram Barbosa, Vera Sampaio, Ricardo Campos (Blick), Hermínio Spala, Henricão e vários outros nomes da cinematografia brasileira.

Esperemos, portanto, para aplaudirmos brevemente a Paulo Geraldo, o mais jovem e um dos mais promissores "astros" da constelação nacional.

HAESSE
(São Paulo — Capital)

ELEANOR PARKER

Eleanor Parker, uma das mais belas e talentosas "estrêlas" de Hollywood, que há mais de dez anos trabalha na "meca" do cinema, esforçando para conseguir um lugarzinho ao sol, apesar de seu talento e beleza, sòmente agora conseguiu fazer brilhar sua "estrêla" e isso graças ao sucesso dos seus últimos filmes, ou melhor, graças ao sucesso de "Rodolfo Valentino" e "Chaga de fogo". E' interessante notar que êsses filmes que elevaram Eleanor a "estrêla" de primeira grandeza, foram feitos fora da Warner, o estúdio a que ela pertenceu tanto tempo.

E' que, mesmo participando de filmes de sucesso como "A mulher de branco", "A margem da vida", "Centelha do amor" e "Três segredos", Eleanor não viu reconhecido seu talento e portanto nada mais natural que procurasse melhores oportunidades em outro estúdio; foi o que ela fêz.

O resultado aí está: "Chaga de fogo" (Paramount) foi veemente aplaudido pelos críticos e considerado mesmo uma obra prima; o trabalho de Eleanor foi muito elogiado também. "Rodolfo Valentino" (tecnicolor da Columbia), apesar de atacado pelos críticos alcançou grande sucesso de bilheteria, por se tratar da vida do famoso ator.

Posteriormente contratada pela Metro, Eleanor Parker já filmou as seguintes películas: "Scaramouche" em tecnicolor com Stewart Granger e Janet Leigh, "Seu nome e sua honra", com Robert Taylor e, atualmente, está filmando na Paramount "The naked jungle" (A selva nua), com Charlton Heston.

Terminando êste, já está programada para mais dois filmes na Metro; um com Clark Gable e outro com Robert Taylor, já se podendo adiantar que êste último será rodado em locação no Egito.

Sôbre sua vida particular, notícias recém-vindas de Hollywood informam que ela acaba de divorcia-se de Bert Friedhlop, com quem estêve casada vários anos e que a acompanhou quando de sua visita ao Rio de Janeiro em 1951, lembram-se? Como vêem Eleanor Parker encontrou afinal a oportunidade que esperava e pela qual vinha lutando há tanto tempo; e ela bem que a merece...
Colaboração do leitor

CAIO SÉRGIO HAMILTON

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO de LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

AS ARMAS PSICOLÓGICAS

(Cont. da pág. 7)

Ao voltar aos estúdios parisienses, Micheline Presle quis oferecer esta imagem nova e ordenar num todo harmonioso as linhas de fôrça das suas armas. Resta-nos desejar que alguns dos grandes modeladores de almas da escola francesa — um Renoir, um Grémillon, um Carné, um Clément acrescentem novas terras à mitologia interior da atriz. (SFI de HENRY AGEL, especial no Brasil para esta revista).

A CIGARRA E A FORMIGA

(Cont. da pág. 13)

cantarolar, dando uma «amostra» de sua voz extraordinária. Agora, escolhido por Cayatte, interpreta o papel principal de «Somos todos assassinos», onde é apenas um ator surpreendentemente sincero.

Mouloudji descobriu a chave do sucesso. Com seus múltiplos talentos, êle pode combinar as atividades de cigarra e formiga, com igual facilidade. E para os que não são previlegiados como o jovem artista francês, ou os que não têm a sorte de um Bing Crosby, o jeito é contentar-se com a modesta carreira que o cinema geralmente reserva às cigarras. E temer a concorrência dos atores, pois nos Estados Unidos, qualquer um canta. Do desafinado Peter Lawford a George Sanders, que de cínico foi promovido a barítono («Sua excelência, a embaixatriz»), mostrando-se possuidor de uma voz bem desagradável.

MULTIPLICAÇÃO DO ATOR!

(Cont. da pág. 5)

tindo a velha fórmula um é audacioso "gangster", que acaba assassinado e o outro é um jovem pacato e timido.

Um conhecido comediante do cinema italiano Totó, que é também príncipe de Bizâncio e que com seu casamento ocupou as revistas e noticiários sociais, tornando-se o mais discutido assunto romano atual, apareceu duplicado em "Alegre Fantasma".

Outro tema já duas vêzes filmado, que deu a oportunidade de dois papéis na mesma película para uma só estrêla foi o de "Uma Vida Roubada", de um romance de Karel Benes. O primeiro foi feito na Inglaterra, por Paul Czinner, teve como estrêla a grande atriz Elisabeth Bergner e o hoje notório Michael Redgraeve. Em 1948 nova versão é feita nos Estados Unidos, desta feita quem conseguiu o papel foi a magnífica Bette Davis e Curtis Bernhardt realizou a película.

Também a famosa dupla de comediantes Laurel e Hardy, mais conhecidos como o Gordo e o Magro, apareceu duplicada em "Sossega Leão", um dos mais famosos dos seus filmes. As situações geradas pela "dupla" duplicada são de grande comicidade.

Walter Chiari, um dos comediantes do moderno cinema italiano que tem aparecido freqüentemente nos últimos anos, também fêz dois papéis no filme exibido *há* bem pouco tempo no Rio — "O 13.º Homem".

Também o cinema nacional já explorou êste recurso cinematográfico e em "Três Vagabundos" Oscarito e Grande Otelo fazem cada um dois papéis.

Outros atores de cinema têm tido esta oportunidade, e que sòmente a setima arte pode oferecer, assim Marie Bell, nome de valor do cinema e do teatro, inesquecível personagem de "Carnet de Baile", também teve a oportunidade de demonstrar a sua versatilidade interpretando duas personagens na mesma película. Também Rellys conhecido cômico francês faz parte da série de atores que se desdobram...

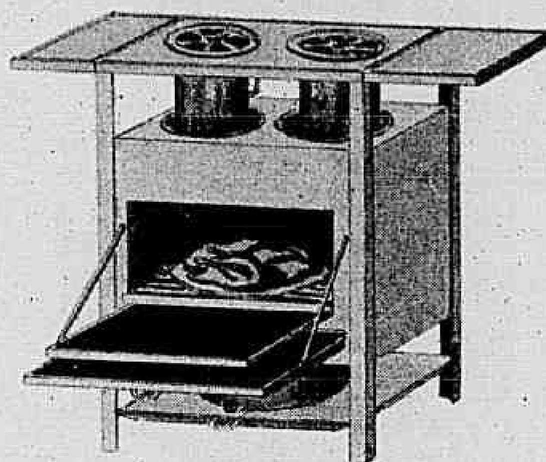
Uma das melhores utilizações de desdobramento na tela foi sem dúvida aquela em que Gene Kelly dança e tem como partenaire êle próprio em "The Queen of Broadway"...

Sob um outro aspecto, totalmente diverso, temos a registrar um outro aspecto de duplicação: a dos atores que, embora nada parecidos, usam as mesmas roupas e gestos e, através dos mesmos ângulos, participam de um mesmo filme mas... em duas versões. A foto da página oito, que ilustra esta crônica, fala mais eloqüentemente, conforme os leitores terão tido oportunidade de observar.

FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo cru ou querosene

REI



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME....................
RUA.................. Nº.....
CIDADE....................
ESTADO....................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



CINTOS MARAJÓ
CONFÔRTO E ELEGÂNCIA



CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer

MEDICINA ★ MECANICA ★ AVIACÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO



ASTROLOGIA ★ CIÊNCIA ★ RELIGIÃO ★ POLÍTICA ★ LITERATURA ★ HISTÓRIA

ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES

1953
num desfile sensacional e empolgante

AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS



NO PRÓXIMO NÚMERO: GRANDES REPORTAGENS SÔBRE O FESTIVAL INTERNACIONAL DE S. PAULO

LANA TURNER